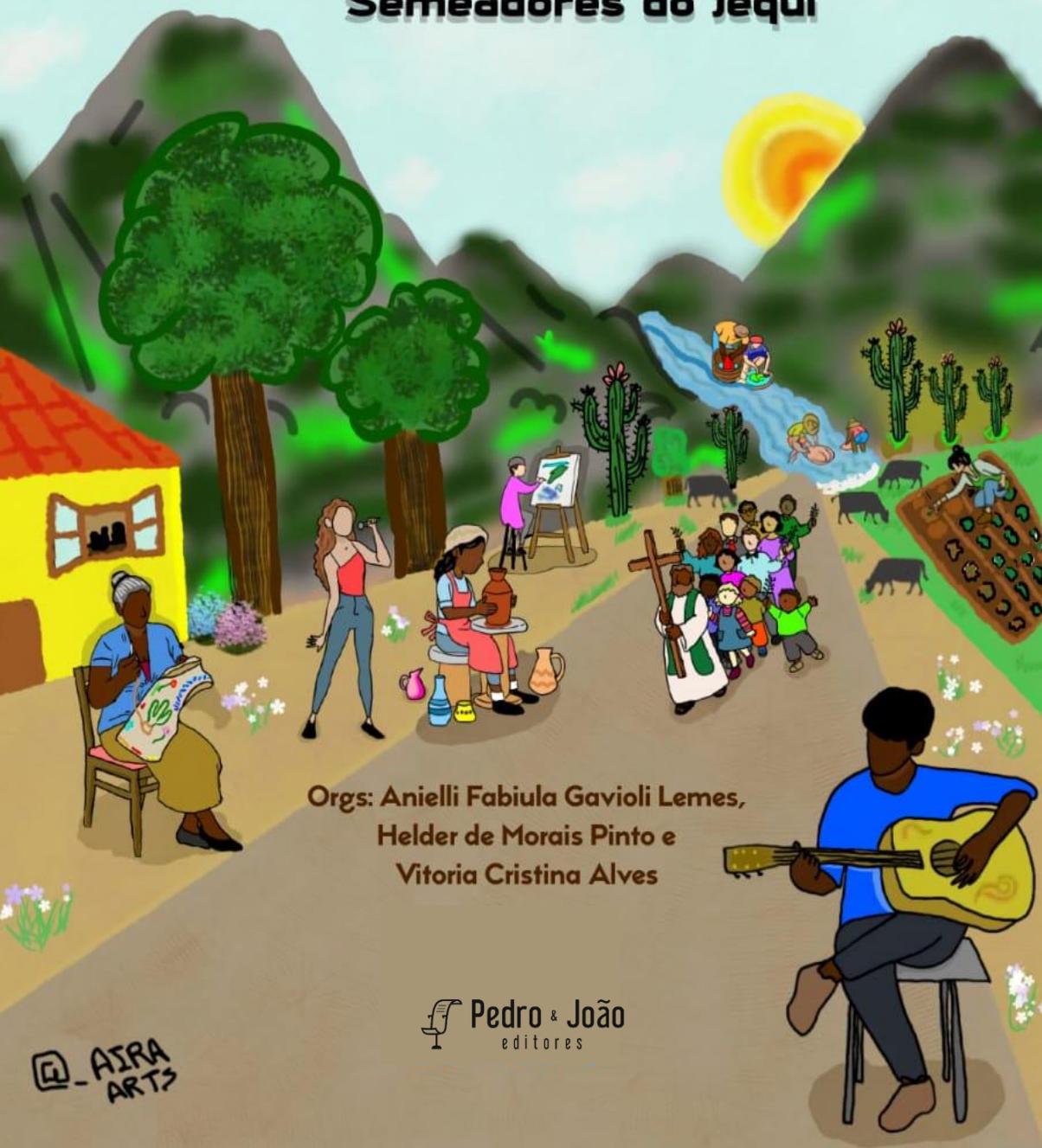


# Educação do Campo, Agroecologia e Mineração nas práticas de ensino dos Semeadores do Jequi



Orgs: Anielli Fabiula Gavioli Lemes,  
Helder de Moraes Pinto e  
Vitoria Cristina Alves

 Pedro & João  
editores

@\_ASRA  
ARTS

**Apoio:**



**LEC PROEXC**



(Org)

Anielli Fabiula Gavioli Lemes

Helder de Moraes Pinto

Vitoria Cristina Alves

# **Educação do Campo, Agroecologia e Mineração nas práticas de ensino dos Semeadores do Jequi**

**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Anielli Fabiula Gavioli Lemes; Helder de Moraes Pinto; Vitoria Cristina Alves [Orgs.]**

**Educação do Campo, Agroecologia e Mineração nas práticas de ensino dos Semeadores do Jequi.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 90p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-2250-9 [Digital]**

1. Educação do Campo. 2. Agroecologia. 3. Mineração. I. Título.

CDD - 410

---

**Ilustrações da capa:** Aiandra Santos Passos

**Formatação:** Anielli Fabiula Gavioli Lemes

**Revisão:** Rubia de Deus, Anielli Fabiula Gavioli Lemes e Helder de Moraes Pinto.

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú - CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaeditores.com.br](http://www.pedroejoaeditores.com.br)

13568-878 - São Carlos - SP

2025



## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	p. 7
<b>Prefácio MAB</b> .....	p. 10
<b>1. AGROECOLOGIA, MINERAÇÃO E EDUCAÇÃO</b>	
<b>DO CAMPO</b>	
<i>Rozilene Pereira da Silva,</i> <i>Karina Mendes Luiz,</i> <i>Helder de Moraes Pinto,</i> <i>Antoniél Assis de Oliveira,</i> <i>Anielli Fabiula Gavioli Lemes</i> .....	p. 13
<b>2. O VALE DO JEQUITINHONHA</b>	
<i>Maria Amélia Martins Sousa</i> <i>Elidiana Martins da Silva</i> .....	p. 38
<b>3. NOSSAS CULTURAS, NOSSAS IDENTIDADES</b>	
<i>Karina Mendes Luiz</i> <i>Aiandra Santos Passos</i> .....	p. 49
<b>4. O NOSSO RIO JEQUITINHONHA</b>	
<i>Marília Gabriela Rodrigues da Silva</i> <i>Sabrina Santos Esteves</i> .....	p. 58
<b>5. ÁREA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL CHAPADA DO LAGOÃO</b>	
<i>Matens Pacheco da Veiga</i> <i>Manoel Carlos Souza Matos</i> <i>Cristiano Marques de Souza</i> .....	p. 65
<b>6. VALE VIVER SEM SAÚDE?</b>	
<i>Maria Rosa Marques de Matos</i> <i>Silmara da Silva Pereira</i> .....	p. 72
<b>7. O DESENVOLVIMENTO QUE QUEREMOS</b>	
<i>Rozilene Pereira da Silva</i> <i>Denilson da Silva Pereira</i> .....	p. 77
<b>Sobre autoras e autores</b> .....	p. 83



# Apresentação

*Quando despersonalizamos O RIO, A MONTANHA, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos estes lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos.*

Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*, 2019.

O livro *Educação do Campo, Agroecologia e Mineração nas práticas de ensino dos Semeadores do Jequi* é fruto de um trabalho coletivo, desenvolvido a partir do desenvolvimento do projeto<sup>1</sup> "Educação do campo: saberes e práticas discursivas envolvendo letramentos, agroecologia e mineração", junto com o projeto<sup>2</sup> "Educação do campo: saberes e práticas de formação nas relações discursivas entre trabalho, educação, letramentos e agroecologia", sistematizando unidades curriculares do Tempo Comunidade da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (LEC-UFVJM). Esta compilação teve a colaboração direta de estudantes do curso, de estudantes e professores de Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) do Vale do Jequitinhonha junto com movimentos

---

<sup>1</sup> Este projeto contou com o apoio financeiro do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), o qual está vinculado à Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) e foi registrado sob o número: 2024101202474508.

<sup>2</sup> Este projeto contou com o apoio financeiro e bolsas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), na chamada n° 09/2022.

sociais populares, utilizando a metodologia da pesquisa-ação, em um movimento de formação-ação.

A partir da perspectiva de Paulo Freire, em seu livro “Extensão ou Comunicação?”<sup>3</sup>, no segundo semestre do ano 2023, alguns ‘alternantes’<sup>4</sup> da LEC-UFVJM envolveram-se em atividades de escuta e reflexão com estudantes das EFA, o que permitiu a construção coletiva da situação de aprendizagem sobre a temática de Mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha. Assim, inspirados em uma contranarrativa ao “Vale do Lítio”, criamos materiais e processos pedagógicos capazes de realizar leituras e visões valorativas do “Vale do Jequitinhonha”, onde os estudantes da EFA puderam expressar sua resistência à mineração predatória que invade, afronta, esgota e sangra a região deles, do Vale onde Vale Viver, em forma de áudios<sup>5</sup>. Também foi construído, neste processo de formação-ação, um jornal (páginas 23 e 24 deste livro), a partir de um processo de pesquisa (entrevista aos atingidos); de formação (debate entre estudantes universitários, estudantes da EFA, professores da EFA e movimentos sociais); e visita à planta da mineradora Sigma Lithium em Itinga. Assim, o

---

<sup>3</sup> "A propaganda, os slogans, os ‘depósitos’, os mitos, são instrumentos usados pelo invasor para lograr seus objetivos: persuadir os invadidos de que devem ser objetos de sua ação, de que devem ser presas dóceis de sua conquista. Daí que seja necessário ao invasor descaracterizar a cultura invadida, romper seu perfil, enchê-la inclusive de subprodutos da cultura invasora."

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Editora Paz e Terra, 1985, p. 26.

<sup>4</sup> "Em se tratando de um adolescente, de um adulto, pouco importa a idade, a alternância é uma pedagogia de adulto porque um alternante não é um aluno na escola, mas um ator sócio-profissional que entra em formação permanente."

GIMONET, Jean-Claude; DEMOL, J.; PILON, J. **A alternância na formação “Método pedagógico ou novo sistema educativo?”**: A experiência das Casas Familiares Rurais. *Alternance, developpement personnel et local*, p. 51-66, 1998.

<sup>5</sup> **Ouçã os áudios produzidos a partir dessa atividade na playlist: Vale do Jequitinhonha: Vale de luta e que vale viver em** <https://on.soundcloud.com/SrMz3> .

livro discute mineração e agroecologia no contexto da Educação do Campo, iniciando o primeiro capítulo com uma reflexão teórico-conceitual sobre a temática, ao mesmo tempo que expõe como foi criado o material. Nos capítulos seguintes, são apresentados materiais que valorizam o Vale do Jequitinhonha, produzidos por estudantes universitários e das EFAs da região, com potencial de uso na educação básica.

*A ÁGUA, O SOLO e o manto verde da Terra formado pelas plantas constituem o mundo que sustenta a vida animal em nosso planeta. Embora o homem moderno dificilmente se lembre desse fato, ele não poderia existir sem as plantas que captam a energia do sol e fabricam os alimentos básicos de que ele depende para viver.*

Rachel Carson, Primavera silenciosa, 2010

Boa leitura!

*Anielli Fabiula Gavioli Lemes e Helder de Moraes Pinto  
inverno de 2025*

## PREFÁCIO

Em Minas Gerais, encontramos no Vale do Jequitinhonha diversas formas de expressão da resiliência e vigor da luta de nosso povo, fundado na identidade e sentimento de pertencimento à região, que ganham vida na sua produção social e cultural. As relações sociais aqui estabelecidas foram edificadas num profundo processo de resistência e persistência do povo para viver no território, diante da cobiça e ganância de “projetos de desenvolvimento” pensados de fora, sob à égide do lucro e dos interesses de grandes corporações transnacionais.

Hoje, com a estratégia de silenciar e apagar nossa identidade com a região, buscam vender e explorar as riquezas minerais de nosso território, utilizando a propaganda reducionista e neocolonialista denominada “vale do lítio”, ao mesmo passo que almejam restringir e violar direitos por meio de sucessivas tentativas de regulamentação estadual da Resolução da OIT 169. Tal resolução garante o direito à Consulta Prévia, Livre, Informada, Consentida e de Boa Fé às comunidades tradicionais, atingindo diretamente dezenas de comunidades formadas por geraizeiros, agricultores familiares, quilombolas, indígenas, entre outros.

A partir destas breves considerações de contexto, o leitor poderá saborear neste livro, “*Educação do Campo, Agroecologia e Mineração nas práticas de ensino dos Semeadores do Jequi*”, o germinar de sementes plantadas, como também conhecer frutos já maduros do caminho de construção de nossa identidade popular neste sagrado território e a reafirmação da defesa de um projeto para região que seja construído com o envolvimento do povo como protagonista de sua própria história. Assim, seguimos afirmando que a mineração ou qualquer projeto para a região deva estar associado a um projeto de soberania do país, de distribuição da riqueza produzida, sob controle popular, respeitando a cultura e os interesses populares comunitários.

Boa leitura a todos/as!

*Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB*

*Vale do Jequitinhonha*

**Educação do Campo,  
Agroecologia e  
Mineração nas  
práticas de ensino dos  
Semeadores do Jequi**



# 1

## **AGROECOLOGIA, MINERAÇÃO E EDUCAÇÃO DO CAMPO**

*Rozilene Pereira da Silva, Karina Mendes Luiz, Helder de Moraes Pinto, Antoniel Assis de Oliveira, Anielli Fabiula Gavioli Lemes*

### **Introdução**

Este livro traz um compilado de esforços científicos que utilizam uma revisão de literatura com a sistematização das experiências em mais de um ano de desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa e extensão na região do Vale do Jequitinhonha, envolvendo pessoas dessa região (agricultores, professores, estudantes, atingidos e movimentos sociais), além de visitas a campo, reuniões, ações formativas, culminando nesta reflexão-ação com autoras moradoras da região.

Iniciaremos nosso debate, neste livro, caracterizando o Vale do Jequitinhonha e a Mineração como parte da história do Vale. Em seguida, buscaremos articular a Educação e a Agroecologia como instrumentos essenciais no projeto de desenvolvimento regional em que se reconhece a mineração como atividade produtiva importante para os sujeitos do Vale. Mas essa articulação alerta para a usurpação das riquezas por grandes empresas “de fora”, o enraizamento das desigualdades sociais, a massificação da ignorância em relação ao controle popular dos recursos públicos, bem

como a dificultação da participação popular em decisões que lhes dizem respeito.

A formação geológica única do Vale do Jequitinhonha, resultado de processos naturais ao longo de milhões de anos, concentrou riquezas minerais que impulsionaram ciclos intensivos de colonização. A atividade extrativista, decorrente dessa colonização, não apenas definiu a economia regional, mas estruturou profundamente a organização social do território, moldando sistemas produtivos, definindo a identidade cultural e até crenças locais. Antes mesmo da exploração em larga escala, os minerais já marcavam presença na paisagem, trazidos à superfície por processos naturais de intemperismo e erosão (SULZBACHER *et al.*, 2019).

Essa abundância mineral histórica forjou o Vale do Jequitinhonha como território de paradoxos: berço de imensas riquezas naturais que, ironicamente, alimentam ciclos perversos de exploração e desigualdades. O subsolo generoso contrasta com a superfície marcada por diferenças sociais, revelando a contradição fundamental de um desenvolvimento que enriquece poucos, enquanto marginaliza as comunidades que habitam essas riquezas há séculos.

Para este livro, estamos considerando como minério todo mineral com valor econômico passível de exploração, sendo a mineração a atividade responsável por sua extração (DNPM, 2017). Tecnicamente, refere-se ao conjunto de operações de escavação em solos e rochas para obtenção de recursos minerais, também denominada indústria extrativa mineral. Essa atividade engloba tanto o processo produtivo quanto seus resultados,

configurando-se como um setor industrial estratégico na transformação de recursos naturais em bens econômicos (DNPM, 2017).

Desde os primórdios da civilização, a mineração tem sido parte fundamental do desenvolvimento humano. Nossos ancestrais já utilizavam argila para cerâmica, rochas para ferramentas e pigmentos minerais para arte rupestre. Com o avanço das sociedades antigas, os recursos minerais passaram a sustentar grandes obras de engenharia, como aquedutos e monumentais construções arquitetônicas (DNPM, 2017).

Esta atividade, contudo, sempre foi mais que uma simples extração de materiais, transformou-se em eixo de poder. Cada nova descoberta mineral desencadeou complexas transformações políticas, econômicas e territoriais. Na era contemporânea, essa dinâmica se intensificou: a mineração tornou-se base do poderio industrial, militar e geopolítico, demonstrando como o controle sobre os recursos naturais continua a moldar o equilíbrio global de forças (DNPM, 2017).

Vale ressaltar que o Vale do Jequitinhonha concentra complexas relações para além daquelas apresentadas pela mineração. A mineração, no entanto, opera como um agente de transformação radical no território: ao mesmo tempo que redefine violentamente as dinâmicas locais, indo da economia à cultura, da estrutura social à paisagem, torna-se o epicentro de intensos debates que revelam as contradições do desenvolvimento.

Nas universidades e nos movimentos sociais, discute-se como, simultaneamente, essa atividade gera riqueza enquanto concentra renda, cria empregos, mas destrói outros modos de produção, promete progresso

reproduzindo estruturas coloniais de exploração. Essa dualidade faz da mineração não apenas uma atividade econômica, mas um campo de disputa epistemológica e política, onde se confrontam modelos de sociedade e noções antagônicas de futuro.

Mais do que discussão técnica, a mineração na região envolve disputas sobre desenvolvimento, geração de renda, sustentabilidade e justiça social, questões centrais para compreender tanto a dinâmica regional quanto os estigmas que a marcam. Essas tensões tornam o tema um campo privilegiado para analisar os desafios econômicos frente aos direitos das comunidades tradicionais (SULZBACHER *et al.*, 2019). Enquanto contribuiu para instituir a identidade cultural e moldar a organização do território ao longo dos séculos, também consolidou ciclos de expropriação, compondo um “*processo histórico em que a lógica de pilhagem do território [se dá] a partir da apropriação de recursos minerais, da terra e das gentes*” (SULZBACHER *et al.*, 2019; p. 03). Esta ironia histórica coloca um desafio crucial: como transformar um modelo extrativista, que tradicionalmente opera como promotor de desigualdade, em alavanca de desenvolvimento comunitário?

A resposta pode estar na reinvenção democrática da atividade mineradora. Quando submetida ao controle dos povos do território e não das empresas mineradoras, sendo orientada por seus saberes tradicionais e necessidades coletivas e não por demandas e precificação internacionais, a mineração tem potencial para transcender sua herança de exploração. Desse modo, sob gestão comunitária, a extração mineral pode converter-se de meio de exploração em potencial emancipatório. Trata-se, portanto, não de rejeitar a atividade em si, mas de disputar seu sentido e beneficiários, transformando-

a finalmente em um patrimônio a serviço daqueles que, há gerações, convivem com suas contradições e possibilidades. Não é, pois, o caso de evitar a atividade minerária, mas de submetê-la aos interesses coletivos, em prol do desenvolvimento local e regional.

Para Servilha (2015),

A mineração era proposta como uma possibilidade de desenvolvimento econômico regional, ainda pouco aproveitado, que geraria renda para a população do Vale do Jequitinhonha. Muitos foram os grandes empreendimentos minerais instalados na região, legitimados pelo discurso da redenção da pobreza. Os discursos de pobreza regional e de sua superação geraram, mais do que políticas que objetivavam a minimização de tal pobreza, a possibilidade de diversos grandes empreendimentos econômicos na região (SERVILHA, 2015, p. 139).

Desse modo, essa região que é abençoada por sua riqueza natural, agora enfrenta uma nova realidade, a exploração de lítio, apresentado como símbolo de desenvolvimento, e que, no entanto, expõe contradições profundas. O lítio se consolida enquanto mineral fundamental no século XXI devido às suas propriedades particulares, como leveza, alto potencial eletroquímico e excelente capacidade energética. Extraído principalmente de rochas pegmatíticas na região de Araçuaí e Itinga, no Vale do Jequitinhonha, é essencial para baterias de veículos elétricos, dispositivos eletrônicos e aplicações industriais, como lubrificantes especiais e produção de vidros.

Sua crescente demanda global, impulsionada pela transição energética, transformou-o em recurso geopolítico estratégico, colocando os países detentores de reservas no centro de novas disputas econômicas e tecnológicas. Como a região detém todos os depósitos brasileiros de lítio e

toda sua produção nacional, urge repensar os modelos extrativos. É preciso conciliar desenvolvimento tecnológico com decisão coletiva sobre os territórios e observação aos direitos dos sujeitos do lugar, especialmente em um espaço onde saberes ancestrais e modos de vida tradicionais ainda resistem e devem orientar qualquer projeto de futuro.

A Sigma Lithium é uma das 31 mineradoras canadenses que atuam no Brasil por meio de subsidiárias (FERNANDES e DIAS, 2024). Instalada na região, com toda sorte de apoio institucional, a empresa desenvolve o *Complexo Grotão do Cirilo*, projeto que pretende produzir 531 mil toneladas anuais de concentrado de lítio de alta pureza em sua segunda fase, almejando posicionar-se entre as cinco maiores produtoras globais do mineral.

Com o discurso da "Mineração Verde", a empresa promove seu lítio como "100% sustentável", destacando uso "*zero de químicos*", "*zero água potável*", "*zero rejeitos*", geração de "*prosperidade regional*", entre outros pontos (OBSERVATÓRIO DA MINERAÇÃO, 2023). No entanto, sua atuação no Vale do Jequitinhonha revela profundas contradições entre seu discurso sustentável e os impactos reais. Para citar um exemplo, apesar de estar instalada no cerne do semiárido mineiro, a empresa recebeu autorização para captar 150m<sup>3</sup>/hora do Rio Jequitinhonha (equivalente a 5 caminhões-pipa por hora). Assim, a mineradora compromete a disponibilidade hídrica enquanto gera poluição sonora e atmosférica, inflação nos preços locais, aumento da violência, ameaças a territórios tradicionais, entre outros impactos (BRASIL DE FATO, 2023).

Enquanto a empresa projeta expansão global, as comunidades enfrentam a não concretização de benefícios, a perda de seus modos de vida e riscos ambientais subestimados nos estudos oficiais, mostrando o abismo entre o discurso e a realidade local. A terra, antes fonte de sustento e identidade para a vida, é agora objeto de expropriação em favor do mercado, lucro para pessoas de fora do território e algum salário e poder para algumas pessoas daqui do local.

Os recursos naturais, que não deveriam ter este nome e que deveriam beneficiar a todos, são canalizados, canibalizados para interesses dos forasteiros, deixando as comunidades camponesas (inclusive indígenas e quilombolas) à mercê da exploração. Esses projetos, embora prometam prosperidade, ignoram as lógicas de vida arraigadas das populações locais. O desenvolvimento, nesse contexto, assume uma face cruel. O progresso econômico não pode ser medido apenas em toneladas de lítio extraído; deve considerar o bem-estar humano, a preservação cultural e a harmonia com o ambiente. Somente assim poderemos alcançar um equilíbrio onde a riqueza natural beneficie a todos, sem marginalizar ninguém.

A mineração no Vale do Jequitinhonha segue uma lógica predatória: extrai-se até o esgotamento, sem investir em tecnologias de reaproveitamento que reduziriam a necessidade de minérios novos. Pilhas, baterias e outros produtos minerais poderiam ser reciclados, mas a indústria prefere manter o ciclo vicioso de escavação contínua. Esse modelo, replicado em todo o Brasil, transforma o solo em mercadoria descartável: os minerais viram produtos de obsolescência programada, que logo se acumulam como lixo em aterros sanitários. O resultado é um duplo desastre: territórios esburacados e

abandonados, e montanhas de resíduos tecnológicos. Enquanto isso, as comunidades testemunham seu chão virar cratera e seu futuro, sucata.

Diante da lógica predatória da mineração, que reduz territórios vivos a mercadorias extrativas, a Agroecologia surge como modelo alternativo, demonstrando na prática que outra relação com a natureza é possível. Propõe um modelo social, civilizatório, que reconcilia produção e usos responsáveis do ambiente. Sua prática produtiva e organizativa, baseada em valores humanistas e sociais, se torna exemplo para integrar saberes tradicionais e gestão comunitária e, ainda, oferecer um modelo educativo que transforma a própria noção de exploração da natureza.

Essa abordagem demonstra na prática como converter áreas degradadas em paisagens regeneradas por meio de sistemas agroflorestais, por exemplo, garantindo soberania alimentar e criando economias locais circulares. Neste processo, territórios antes marcados pela exploração tornam-se espaços de reprodução da vida, provando que é possível conciliar atividade produtiva e respeito aos ecossistemas, quando as comunidades assumem o controle dos seus recursos.

Enquanto a mineração convencional escava, esgota e abandona, a Agroecologia ensina a ciclar nutrientes, regenerar solos e reduzir a dependência de novos minérios, valorizando o que já foi extraído. Além da produção de alimentos saudáveis, protege o território como totalidade: casa, memória, identidade, biodiversidade, fonte de água, etc. Uma abordagem agroecológica revela o equívoco da falsa dicotomia entre "progresso" e degradação: ao fortalecer sistemas produtivos e alimentares locais e o bem-

viver comunitário, ela aponta para modelos de uso da natureza verdadeiramente sustentáveis e populares, controlados pelos territórios e submetidos às suas necessidades ecológicas e culturais.

Nesse contexto, o curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (LEC-UFVJM), que funciona em regime de alternância, ou seja, os estudantes em seu processo formativo intercalam os tempos e espaços entre Tempo Universidade (aulas na Universidade) e Tempo Comunidade (aulas e desenvolvimento de projetos nas comunidades e regiões dos estudantes) trabalhou com o tema “Mineração no Vale do Jequitinhonha” por dois semestres letivos, no Tempo Comunidade (TC), em 2023 e 2024. No TC, os discentes do curso desenvolvem diversas atividades formativas, como a Unidade Curricular (UC) Prática de Ensino. Na Prática de Ensino, os estudantes participam de atividades formativas juntamente com escolas e/ou comunidades, buscando tratar temas relevantes para o território e a partir daí construir conhecimentos que podem integrar e intervir na realidade.

Assim, as práticas de ensino do segundo semestre de 2023 e primeiro semestre de 2024 foram realizadas pelos licenciandos do núcleo Médio e Baixo Jequitinhonha, Semeadores do Jequi, em parceria com as Escolas Famílias Agrícolas (EFA) e o Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB), pautando o tema da mineração. Como dito, a região de Araçuaí e Itinga possui uma grande reserva de lítio e o processo de mineração se intensificou ultimamente. Com isso, já é possível perceber vários impactos ambientais e sociais. De acordo com Oliveira e colaboradores:

A região vê-se diante de megaprojetos de exploração de lítio que escancaram a contradição de uma região rica em recursos naturais e pauperizada pelos processos contínuos de expropriação e exploração. Trata-se de processos resultantes dos ditos projetos de “desenvolvimento”, que desconsideram as lógicas de vida das populações tradicionais, despojando-as de suas terras, de seus recursos naturais e de seus territórios. (OLIVEIRA, RUAS, SANTOS, p. 4-5, 2023).

Ou seja, tais projetos de mineração desconsideram o modo de vida das populações tradicionais do campo (quilombolas, indígenas, camponeses etc.), não valorizam suas práticas e menosprezam os saberes dos povos que residem nas comunidades rurais. A terra, que para as mineradoras é só poeira e mineral de lítio (mercadoria), para as pessoas que vivem lá é lugar de história e vida. Naqueles territórios eles produziam alimentos variadíssimos sem agrotóxicos; quitandas em fogão à lenha; se cuidavam com as plantas medicinais das hortas em volta de suas casas ou as nativas no meio das matas; se banhavam nos rios; faziam artesanatos belíssimos e muito mais.

Hoje, relatos dos moradores mais próximos à planta da mineradora (local onde a mineradora processa minérios extraídos da terra) e dos que moram em trechos onde passam as carretas de minério contam que a poeira, que é constante, tampa as folhas das plantas, o que forma uma barreira, impedindo a fotossíntese, atrofiando as plantas, sem crescimento. Além disso, a poeira que suja as casas e plantas, também é respirada pelos moradores. Fora o barulho da planta funcionando 24 horas, há as explosões que fazem rachaduras nas casas, além do ruído, e ainda a precarização das estradas, por conta da passagem de muitas carretas (OBSERVATÓRIO DA MINERAÇÃO, 2023). Isto é “sustentabilidade socioambiental”? Isso é “lítio verde” como fala o site da empresa responsável pela maior parte da mineração de lítio na região? (Figura 1):

Figura 1 - Página da internet da Sigma lithium, empresa Canadense que tem planta em Itinga/Araçuaí - MG.



Fonte: Extraído de: <https://sigmalithiumresources.com/> acesso: 26 de novembro de 2024. Tradução livre da figura: “Lítio verde e sustentável de alta pureza, de origem responsável, dedicado a alimentar a próxima geração de veículos elétricos, posiciona o Brasil como líder na cadeia global de fornecimento de materiais para a transição energética com operações ambiental e socialmente sustentáveis.”

“Olha o dragão de ferro passando  
olha a marca de destruição,  
mineração mata, mutila,  
saqueia nossa região.”

### Movimento pela Soberania Popular na Mineração - MAM

Como nos remete o "grito" do Movimento pela Soberania Popular na Mineração - MAM, um dragão que chega com a marca da destruição, mata, destrói a nossa região: O Vale do Jequitinhonha. O Vale sofre desde séculos com grandes chagas e rastros de mineração. É visível como os agentes da mineração chegam, num ímpeto invasor, e tentam dominar tudo. Chegam

com eles a destruição de territórios, a poluição, o aumento da violência, o aumento do custo de vida, os poucos ‘elogiados’ empregos, a precarização das estradas. Aqui no Jequitinhonha não há lama e barragens como nas minas de ferro de Mariana, mas há pilhas de rejeitos secos e muita poeira, além de barulho 24 horas por dia, dois fatores que indicam a perda da qualidade de vida humana e animal; cabe falar nos impactos geológicos em curso, que afetarão o solo, as águas e o ar.

### **Prática de ensino da LEC desenvolvida na EFA em 2023**

As Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) são instituições de ensino que funcionam também em regime de alternância, alternando entre o Tempo Escola e Tempo Comunidade (Meio Socioprofissional). Em um primeiro encontro dos estudantes da UFVJM na EFA, foi realizado um momento de escuta dos estudantes, levantando as palavras-chave sobre o que pensavam quando ouviam sobre mineração. As palavras que surgiram desse momento de escuta foram: desvalorização; aumento de preços; exploração de recursos naturais; êxodo rural; impactos na natureza; doenças; destruição; superlotação das cidades; aumento da violência; destruição de nascentes; desmatamento; impactos ambientais; falta de água; desastre; e poluição. Também apareceram palavras “positivas” como: dinheiro; emprego; renda; e riqueza. A partir dessa primeira escuta, foi feita uma divisão em pequenos grupos que expuseram os pontos positivos e negativos sobre a mineração através de cartazes. Após a discussão em grupos, os estudantes apresentaram para todos uma síntese do que conversaram.

Durante a apresentação dos grupos percebemos que estavam presentes estudantes que eram diretamente e indiretamente atingidos pela mineração em suas comunidades. Pode-se perceber o quanto isso tem atrapalhado os seus costumes, culturas, tradições, além de atingir o solo e as plantações, onde a poluição já imprimiu a marca da destruição. Depois desses momentos, os estudantes trouxeram a necessidade de que mais informações e debates sobre a mineração no Vale do Jequitinhonha cheguem à população. A partir disso, os estudantes da LEC optaram por pensar em contranarrativas que ressaltem a riqueza natural e cultural do Vale do Jequitinhonha para ser instrumento de sua defesa. Para isso, os estudantes da LEC-UFVJM produziram seis textos sobre temas que abordam o Vale do Jequitinhonha, os quais, em outro momento, foram materiais para trabalhar com os estudantes da EFA. São estes textos que compõem os próximos capítulos deste livro: “O Vale é do Jequitinhonha”; “Nossas culturas, nossas identidades”; “O nosso Rio Jequitinhonha”; “Área de preservação ambiental Chapada do Lagoão”; “Vale viver sem saúde?” e “O desenvolvimento que queremos”. A partir da leitura desses textos com os estudantes da EFA, foram produzidos seis áudios, ressaltando a beleza, a riqueza e a diversidade que temos no Vale do Jequitinhonha, instrumento para luta e defesa desse território.

Esta Prática de Ensino na EFA evidenciou aspectos importantes sobre a mineração na região, como o aumento da violência e do custo de vida, além de muito desrespeito às culturas e ao modo de vida das pessoas daquele território. Com essa atividade foi possível perceber a urgência do debate sobre a Agroecologia no combate à mineração, tendo em vista que ela é

importante tanto para a produção de alimentos sustentáveis, preocupada com o ambiente, mas também é uma luta por direitos dos povos do campo (GUHUR; SILVA, 2021). Neste sentido, é muito importante tratar desses temas também na escola, pois a educação pode ser a base de transformação da sociedade. A Agroecologia, vista por esse ângulo, ajuda também a fortalecer as lutas sociais, pois, além de ser um conjunto de conhecimentos e práticas, é também luta por um campo melhor e uma sociedade melhor.

Sendo assim, a Agroecologia também é contra a mineração predatória, que acontece em função do consumo exacerbado e visando somente o lucro. Segundo Ribeiro e colaboradoras: “Tanto a educação do campo quanto a Agroecologia pressupõe transformação da realidade, levando em consideração um novo projeto de desenvolvimento do campo que rompa com a lógica da monocultura, do latifúndio e das demais formas de exclusão” (RIBEIRO *et al.*, 2007, p. 260).

Diante disso, entendemos a mineração como mais uma forma de exclusão, enquanto a Agroecologia, aliada à Educação do Campo, busca transformar essa realidade através de muitas lutas, ou seja, promovem a produção de pensamento crítico e ação política na direção da proteção e defesa da natureza. Assim, ambas reclamam uma ressignificação do conhecimento sobre as formas de produção econômica, posto que as formas econômicas em uso, notadamente estas que servem ao mercado, ao enriquecimento de grupos transnacionais são deletérias para a vida no planeta.

A Agroecologia é também um movimento que vai além da produção, um movimento de discussões políticas sociais e ambientais que abrange todos os

espaços de forma harmônica. Exige conhecer a dinâmica da natureza, ao mesmo tempo que considera questões sociais, econômicas e políticas, de modo a agir para a sua transformação. *“Por isso, a agroecologia desafia o conhecimento, mas este se aplica e se testa no terreno dos saberes individuais e coletivos”* (LEFF, 2002, p. 43).

### **Prática de ensino da LEC desenvolvida na EFA em 2024**

Ainda trabalhando sobre o tema mineração, entre abril e maio de 2024, o Núcleo de Alternância Semeadores do Jequi da LEC desenvolveu as atividades de prática de ensino na Escola Família Agrícola Bontempo em Itaobim. Em um primeiro momento foram feitas atividades de reflexão entre os estudantes da LEC, estudantes e professores da EFA sobre a mineração predatória na região e os impactos na vida das mulheres. Na escuta primeira desses estudantes, a palavra que apareceu nas tarjetas para a resposta da pergunta “o que vem à sua cabeça quando pensa em mineração?” foi “dinheiro”. Isso talvez se justifique, pois nesta EFA, muitos estão em comunidades mais afastadas da planta da mineradora.

A partir disso, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada para um segundo momento de escuta dos moradores das comunidades artesãs de Pasmado e Pasmadinho, distritos dos municípios de Itaobim e Itinga, respectivamente, e que ficam na rota das carretas que carregam minério, buscando entender os impactos da mineração na vida destes sujeitos. Esta segunda parte, a de escuta, foi realizada por estudantes da LEC, juntamente com estudantes da EFA e de outras licenciaturas da UFVJM, que também

participavam da atividade. Após esse momento, refletimos sobre a importância da disseminação de mais informações sobre o que está acontecendo naquela região.

Assim, o grupo de estudantes e professores universitários envolvidos e militantes do Movimento Atingidos por Barragem (MAB) construíram textos para compor um jornal informativo sobre a mineração, a ser apresentado às famílias que foram escutadas e para a população em geral, como resultado da escuta, pesquisas e reflexões realizadas pelo grupo (Figuras 2 e 3).

Figura 2 - Página 1 do jornal produzido por estudantes universitários e militantes do MAB no primeiro semestre de 2024.



**A COMUNIDADE DE PASMADO ESTÁ SENDO ATINGIDA PELA MINERAÇÃO DO LÍTIÓ?**

A comunidade de Pasmado, localizada na divisa dos municípios de Itinga e Itaobim em Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha, é uma comunidade de famílias de artesãos que utilizam madeiras e argilas da região para a sua produção, onde as comercializam em lojas na beira da rodovia BR-367 (Figura 1). Tentando entender o contexto da mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha, em atividade de Tempo Comunitário na Unidade Curricular de Prática de Ensino e atividades de extensão e pesquisa, do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (LEC-UFVJM), junto com atividades de campo do Tempo Escola da Escola Família Agrícola Bontempo de Itaobim (EFA Bontempo), foi observado os impactos negativos da **mineração exploratória**, naquela comunidade.

Figura 1 - Mapa demonstrando a distância entre a planta da Mineração Sigma Lítio e as lojas da comunidade social do Pasmado que fica entre Itinga e Itaobim.



Elaboração pelas coautoras da Geografia UFMG.

Como observado pelo mapa na figura 1 e pela foto na figura 2, a Comunidade está na rota do transporte do minério para o porto de Vitória no Espírito Santo. Isso fez com que o asfalto nesta rodovia se deteriorasse. Isso refletiu nas  **vendas dos artesãos**, que segundo os relatos no dia 9 de abril de 2024, **diminuíram em 70%!!** Isto porque as pessoas que comprariam seus artesanatos, estão buscando outras rotas para passagem. Além disso, há muita **poeira e barulho**, pois há um trânsito intenso das carretas. Isso impacta, além da saúde das pessoas que moram ao redor, no aumento do trabalho doméstico, tendo que tirar a poeira das peças expostas de forma constante.

Figura 2 - Carro de transporte contendo os minérios Sigma Lítio sendo transportado para o porto de Vitória - Espassado no fim de uma rua onde moram.



Foto de integrantes do GRUPO TERRA - Foto de estradas rurais e locais - UFMG.

Nas falas dos moradores, há uma percepção de que há aumento de trabalho com a mineração, porém, quando questionados se eles conhecem alguém que trabalha na mineradora ou algo relacionado com a mineração, foi citado somente 2 casos. Assim, as oportunidades de emprego não aumentaram significativamente para a comunidade local, e quando disponíveis, tendem a favorecer somente ao gênero masculino.

**IMPORTÂNCIA DO ARTESANATO PARA A REGIÃO E PARA A IDENTIDADE DAS PESSOAS NO VALE DO JEQUITINHONHA**

O artesanato está presente no modo de vida das populações rurais do médio Jequitinhonha, onde as peças artesanais elaboradas a partir do barro e madeira são um meio de sobrevivência de muitas famílias, especialmente quando ocorrem secas muito prolongadas e a agricultura não fica viável. O artesanato da região do médio Jequitinhonha é uma tradição influenciada pelos povos indígenas (Figura 3), desenvolvida inicialmente na região por mulheres, com a produção de pequenos objetos de cerâmicas utilizados no cotidiano[1].

Figura 3 - Exemplos de artesanatos da comunidade do Pasmado no distrito com Itinga e Itaobim - MG



Foto de integrantes do GRUPO TERRA - Foto de estradas rurais e locais - UFMG.

O artesanato em barro do Vale do Jequitinhonha se tornou **Patrimônio Cultural do Estado de Minas Gerais no ano de 2018**. Atualmente existem variados tipos de artesanatos no médio Jequitinhonha, o que revelam diversas expressões artísticas sobre saberes, histórias expressos nos modos de elaborar peças a partir do barro e madeira, sendo valores culturais ancestrais e tradicionais transmitidos por gerações.

O artesanato compõe a **identidade desse povo** transmitindo um sentido amplo, para além do domínio das técnicas de criação manual de cada etapa, nota-se os conhecimentos das artesãs e dos artesãos sobre o lugar onde vivem, seu cotidiano, crenças, sentimentos e as relações com outras formas de trabalho, como a pesca e a agricultura. O ser artista é mais do que criar, é inserir a arte na vida cotidiana, sendo assim, o ato de criar não é um ato individual, mas sim um ato participativo e inclusivo, um trabalho que une a comunidade, o artesanato promove esperança [2]. Neste sentido, destacamos a **importância**, tanto econômica quanto social e cultural do artesanato para o Vale do Jequitinhonha.

**O QUE É A MINERAÇÃO DE LÍTIÓ PREDATORIA NO VALE DO JEQUITINHONHA?**

A **mineração predatória de lítio no Vale do Jequitinhonha** se refere às atividades de prospecção (investigação das áreas com potencial de mineração) e de extração de lítio, de forma a considerar as **áreas como mercadoria**, onde não tem valor cultural e histórico; de forma a não respeitar a população local com seu modo de vida. Por conta disso essa atividade tem gerado debates devido aos **potenciais impactos socioambientais**, tais como **deslocamento de comunidades locais, poluição da água, do ar e do solo, alterações na paisagem e impactos diretos nos modos de vida tradicionais, conflitos entre os moradores da localidade no debate "a favor" e "contra" a mineração e a ampliação das desigualdades sociais na região** com muitos empregos com bons salários para pessoas de outras localidades (inclusive de outros estados e países) e poucos empregos para a população local. O interesse na exploração do lítio está relacionado à crescente demanda por esse recurso em setores como o automotivo (carros elétricos) e o de armazenamento de energia (baterias para eletrônicos). No entanto, seria que há necessidade de exploração de tanto minério assim? Segundo a mineradora Sigma, no documentário "A beira do abismo - a batalha por matérias-primas: a mineração de lítio no Brasil" [3], são extraídos 60 mil toneladas de minérios por dia. Assim, a população do médio e baixo Jequitinhonha está sendo atingida pela mineração exploratória do lítio. Isso quer dizer que estão sendo atingidos por uma série de impactos negativos que afetam diretamente a vida das pessoas e o ambiente. **A mineração muitas vezes traz benefícios econômicos desproporcionais para poucos**, enquanto a maioria da população local enfrenta as consequências adversas sem receber compensações justas.

A luta contra a Mineração predatória em nossos territórios é a luta das professoras e professores da universidades brasileiras. Não podemos permitir que o poder econômico dessas empresas destrua a natureza e interfira nas nossas pesquisas e na formação dos nossos estudantes.

Apoio: **ADUFVJM** Sociedade Civil **ANDES** Associação Nacional dos Docentes 1

Fonte: Acervo das autoras.



Para a distribuição desse jornal, foram realizados outros dois momentos, juntamente com os estudantes e professores da EFA, estudantes da LEC e militantes do MAB. O primeiro foi um momento de formação com os estudantes e professores da EFA, com a ida deles perto da planta da mineradora, para conseguirem perceber o tamanho real do problema. Levando em consideração que “o aluno com um ‘olhar ambiental crítico em formação’ é aquele que consegue perceber as alterações ambientais na paisagem (e as causas e consequências de tal fato)” (OLIVEIRA, *et al.*, p. 7, 2011), essa atividade serviu para propiciar um momento de reflexão crítica acerca dos impactos observados. Na sequência, houve uma atividade de leitura e reflexões a partir do jornal produzido, bem como a fala de uma atingida de uma comunidade localizada ao lado da planta e militantes do MAB. A atingida relatou um pouco do que tem afetado sua comunidade, a partir da chegada da mineração, momento bastante enriquecedor, quando foi discutida a atual realidade da região. Por fim, seguiu-se um momento de escuta, diálogo e oficina de produção de cartazes e faixas, com os moradores da Comunidade Pasmado, sobre os impactos da mineração predatória (Figura 4).

Figura 4 - Resultado da Oficina de cartazes após a escuta dos atingidos realizado no primeiro semestre de 2024.



Fonte: Acervo das autoras.

## O barro que se transforma em a arte e a resistência do Jequitinhonha

Anielli Fabiula Gavioli Lemes

O barro que foi moldado pelos indígenas;  
o barro que foi empossado pelos grileiros;  
o barro que os garimpeiros limpam das pedras;  
o barro que vende os fazendeiros;  
o barro que hoje os artesãos:  
que aprenderam com os indígenas;  
que está na terra dos grileiros;  
que viraram fazendeiros;  
que vende para os artesãos;  
que faz artesanatos belíssimos que vão para o mundão;  
que são resistência, renda, identidade e patrimônio cultural da região;  
Agora está escondido atrás do barulho e do pó produzido pela mineração.  
A indignação pela situação virará luta coletiva da população.  
Vale do Jequitinhonha sim, Vale do lítio não!

## Considerações finais

Figura 4 - Poema



Fonte: Nicolly Mendes.

Dialogando com o poema de uma atingida e militante do MAB, este texto reflete sobre práticas de ensino desenvolvidas em unidades curriculares da LEC em diálogo com projetos de pesquisa e extensão da UFVJM, que se comprometeram em romper o "silêncio pedagógico" (HUNZICKER; ANTUNES-ROCHA, 2020) em torno da mineração predatória do Vale do Jequitinhonha. Para isso foram produzidos, junto com estudantes e professores, materiais para a luta contra esse modelo predatório de extração mineral. Historicamente, a mineração é um tema que carece ser debatido no Brasil, tendo em vista o saqueio de minérios que acontece desde a colonização pelos europeus e se perpetua até hoje. De acordo com Lombardi e Silva (p. 504, 2021):

No Brasil, a indústria minerária realiza uma “economia de enclave”, que não dialoga com as outras matrizes econômicas, tornando os municípios minerados dependentes desta fonte de renda, deixando as regiões mais vulneráveis a crises econômicas provocadas pelo capital financeiro internacional.

Diante deste cenário é fundamental o debate sobre o tema, tendo em vista que é urgente começar a pensar em um Brasil que supere essa indústria da mineração, se constituindo como nação soberana que respeite e valorize os povos e os territórios (p. 506). Nessa perspectiva, o Caderno da Agroecologia e Mineração produzido pelo Movimento Pela Soberania Popular na Mineração - MAM aponta que é preciso repensar a mineração, nos termos a seguir:

**A mineração deve somar e não subtrair a vida nos territórios.**

A mineração não pode ser considerada “essencial” para o desenvolvimento da economia local, mas sim o meio pelo qual o essencial será produzido - através da harmonia entre o ser humano e a natureza (por exemplo, com a Agroecologia).

O povo deve conhecer os minérios que estão embaixo de suas terras e, com isso, ter condições de decidir sobre seus usos, inclusive a possibilidade de minerar ou não em determinado local. (MAM, 2024).

Sendo assim, quando nos opomos à mineração predatória, estamos, na verdade, defendendo os princípios agroecológicos. Essa batalha não é apenas sobre o solo e os recursos naturais, mas também sobre a preservação das comunidades, suas tradições e seu direito a um ambiente saudável, o que se reflete também na vida das cidades, que receberão a produção desses alimentos saudáveis.

A mineração, muitas vezes, ignora os conhecimentos locais e tradicionais, ao mesmo tempo que despoja as pessoas de suas terras e meios de subsistência. No entanto, a Agroecologia nos ensina que a terra é mais do que um recurso a ser explorado; é um espaço de vida, conexão e resistência. Ela nos convida a cultivar não apenas alimentos, mas também solidariedade, justiça e equidade.

## **REFERÊNCIAS**

GUHUR, D.; SILVA, N.R. **Agroecologia**. In: Dicionário de Agroecologia e Educação. DIAS, A.P. *et al.* (org.). Rio de Janeiro e São Paulo: Expressão Popular, 2021, p.59-73.

HUNZICKER, A.C.M.; ANTUNES-ROCHA, M.I. A prática do silêncio pedagógico no contexto minerário. **Revista Brasileira de Educação Básica**. 2020. Disponível em: <<https://rbeducacaobasica.com.br/2022/01/31/a-pratica-do-silencio-pedagogico-no-contexto-minerario/>>. Acesso em 10 abr. 2024.

LEFF, E. **Saber Ambiental**: sustentabilidad, racionalidad, complejidad, poder. 3. ed. United Nations Environment Programme, Universidad Nacional Autónoma de México, PEM UMA, 2002.

LOMBARDI, A.; SILVA, E.C. **Mineração**. In: Dicionário de Agroecologia e Educação. DIAS, A.P.; *et al.* (org.). Rio de Janeiro e São Paulo: Expressão Popular, 2021, p.501-507.

MAM - **Movimento Pela Soberania Popular na Mineração**. Agroecologia e mineração. Caderno 1. 2024.

OLIVEIRA, D. J. S.; PINTO, H. M.; BARBOSA, R. P. Paisagem e Educação Ambiental no Brasil. Field Actions **Science Reports**. 2011, Disponível em: <<http://journals.openedition.org/factsreports/1536>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

OLIVEIRA, S. C.; RUAS, A. A.; SANTOS, J. C. S. Mineração do Lítio e Processos Políticos-Educativos no Vale do Jequitinhonha/MG. **Revista Brasileira de Educação Básica**. 2023. Disponível em: <<http://pensaraeducacao.com.br/rbeducacaobasica/wp-content/uploads/sites/5/2022/01/MINERACAO-DO-LITIO-E-PROCESSOS-POLITICO-EDUCATIVOS-NO-VALE-DO-JEQUITINHONHA-MG.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2024

RIBEIRO, S; FERREIRA, A. P.; NORONHA. **Educação do campo e agroecologia**. In: PETERSEN, P.; DIAS, A. (orgs). Construção do Conhecimento Agroecológico: Novos papéis, novas identidades, Caderno do II encontro nacional de Agroecologia, ANA, 2007.

SULZBACHER, A.; FERNANDES, L. C.; ALMEIDA, C. S. de. **Nas minas, a terra vale ouro**: Questão agrária e mineração no Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais). In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, IX., 2019/ SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, X., 2019. Recife. Anais[...]. Recife: UFPE, 2019. p. 01-15.

SERVILHA, M. de M. **Quem precisa de região?** o espaço (dividido) em disputa. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

DNPM - DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL. **MINERAÇÃO** In. AMARAL, A. J. R.; FILHO, C. A. L. Disponível em: <https://www.dnpm-pe.gov.br/Geologia/Mineracao.htm>. Acessado em 15 de maio de 2025.

FERNANDES, R. M. S.; DIAS, T. H. Quem são as mineradoras canadenses no Brasil? Panorama e estratégias de atuação: Who are the Canadian mining companies in Brazil? An overview of corporate strategies. **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, [S. L.], v. 6, n. 1, 2024. DOI: 10.48075/amb.v6i1.33037. Disponível em: <https://e-vesta.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/33037>. Acesso em: 16 maio. 2025.

## 2

### O VALE DO JEQUITINHONHA

*Maria Amélia Martins Sousa*

*Elidiana Martins da Silva*

*“O vale do Jequitinhonha não é miséria, é vida,  
sobretudo vida. Nem que seja mandacaru ou de uma  
piteira sobre uma pedra.  
Podemos até questionar as suas formas, mas nunca as  
suas raízes.”*

Luiz Carlos Prates - Poeta de Virgem da Lapa

O Vale do Jequitinhonha, situado no nordeste de Minas Gerais, Brasil, é uma região que se destaca não apenas por sua paisagem exuberante, mas também por sua rica herança cultural. É um lugar onde a tradição se entrelaça com a modernidade, onde a história e as histórias das pessoas dão forma à identidade única deste Vale.

Figura 1 - Mapa de Minas Gerais destacando o Vale do Jequitinhonha.



Fonte: Imagem extraída de ACMINAS, As Regiões De Minas. Disponível em: <https://acminas.com.br/minasguide/pt/as-regioes-de-minas/> Acesso em 25 de outubro de 2023.

Segundo Almeida (2017), o nome do rio é de origem indígena, os que habitavam o Vale, utilizavam o "jequi", um tipo de armadilha para pegar peixes e estes eram conhecidos como "onhas". Segundo essa lenda local, o indígena armava o jequi no rio pelo entardecer e, na manhã seguinte, falava para o filho: "Vai, menino, vai ver se no jequi tem onha", e tinha.

Figura 2 - Rio Jequitinhonha



Fonte: Breno Antunes, 2019. Disponível em:  
<http://www.valedojequitinhonha.tur.br/paisagens-dos-vales.html>. Acesso  
em 25 de outubro de 2023.

*Conta, conta cantador  
Conta a história que eu pedi  
Dizem que o jequi tem onha  
Conta as onhas do jequi*

*Este vale fedeu biba  
No tempo dos coronéis  
Era uma vez "Vai Torano"  
"Fortaleza" e "Quartéis"  
Os dedos caíram todos  
Mas ainda vivem os anéis*

*Sua vó é feiticeira  
Passa n'água sem molhar  
Quero ver a sua vó  
Uma água benta passar  
Pra curar as chagas mil  
Corroendo esse lugar*

*Justiça no Vale é tanta  
Como a carne nos pastéis  
Com milhões, gato pingado  
E um milhão só tem milréis  
E o povo espera sentado  
Pela inversão dos papéis*

*Aqui tem, dizem todos  
Um dente de coelho  
Tem cabeça de porco enterrada aqui  
No jequi tem um peixe  
É o tal peixe-boi chifrando, estraçalhando  
A taquara do jequi...  
Tinbonha  
O jequi tem, o jequi tem  
O jequi tem onha  
No meio das onhas do jequi  
Tem muita vergonha*

Música "No Jequi tem onha", do poeta e compositor Gonzaga Medeiros de Fronteiras dos Vales, Águas Formosas, cantada por Rubinho do Vale, cantor da cidade de Rubim.

A cultura do Vale do Jequitinhonha é profundamente enraizada nas tradições locais. A música tradicional, com suas melodias envolventes e letras poéticas, ecoa pelos vales e montanhas, contando histórias de amor, saudade e resistência. As danças folclóricas celebram a alegria de viver e conectam as gerações, transmitindo os costumes de tempos passados.

A arte é uma característica fundamental da vida no Vale. Os artesãos locais produzem peças incríveis, desde esculturas em madeira e pedra-sabão até variados bordados e cerâmicas de barro, mostrando uma habilidade excepcional e uma compreensão profunda das tradições culturais. Cada peça conta uma história, seja sobre a natureza exuberante que cerca a região ou

sobre as lutas e vitórias do povo do Vale, e assim a arte no Vale se faz também como crítica social. (FIGUEIREDO; *et al.*, 2023).

Figura 2 - Exemplos de artesanato em argila do Vale do Jequitinhonha





Fonte: Fotos de Breno Antunes, 2019 – Disponível em:  
<http://www.valedojequitinhonha.tur.br/artesanato.html> Acesso em 25 de outubro de 2023.

Você que anda com o pé rachado e com a palha atrás da orelha  
Com a aba do chapéu na testa e se vira da noite pro dia  
Você que banha no Fanado e que tira ouro de bateia  
Que faz da vida uma festa e adora falar poesia

Desculpe seu doutor, mas receba os cumprimentos meus  
Eu fico com a filosofia do mestre João de Deus

A saudade me maltrata e me faz olhar no calendário  
Pra ver se faltam poucos dias pra ouvir o tambor do rosário

Vale que vale cantar  
Vale que vale viver  
Vale do Jequitinhonha  
Vale eu amo você

Música "Jequitivale" de Verono, cantor, compositor e poeta da  
cidade de Minas Novas

Na letra dessa música podemos ouvir uma espécie de hino a ícones identitários de territórios e populações do Vale do Jequitinhonha. A imagem do ‘pé rachado’ é particularmente emblemática, pois ela sugere um modo de vida ancestral, que seria andar descalço. Porém, essa imagem para os valores do urbanocentrismo sugere certa pobreza material e atraso. Contudo, a música monumentaliza essa imagem, elevando a prática à qualidade de patrimônio cultural, um modo local de estar no mundo. O mesmo se pode pensar da ‘palha atrás da orelha’, que indica práticas culturais e corporais humanas no Vale. A palha, por exemplo, lembra o milho, item mais que funcional, alimento versátil, economia certa de muitos povos originários; por isso também é algo sagrado na agricultura da região, lastreado em todo território nacional.

Por falar em milho, a culinária do Vale do Jequitinhonha é uma experiência sensorial única, se é que se pode dizer assim. Única talvez pela sua capacidade de misturar elementos de matrizes culturais diversas, a saber, os povos originários, os africanos e os portugueses - esse seria o caldo cultural dessa culinária. Mas é preciso dizer que componentes derivados de milho-feijão-mandioca têm lugar especial e ocupam mais espaço nas ‘despensas’ da Casa-Jequitinhonha. Estes três presentes sagrados da natureza, notável nos pratos das comidas no norte-nordeste das Minas Gerais é evidência forte de como nossa estética existencial depende das tradições indígenas e quilombolas, que fundaram e estruturam modos de viver nestes territórios, tornando milho-feijão-mandioca estruturas de longa duração que estruturam economias familiares, gostos e sabores. Pratos tradicionais como o famoso feijão-tropeiro e a deliciosa canjiquinha, são preparados com ingredientes locais, trazendo à mesa os sabores autênticos da região. A comida é mais do que

apenas nutrição aqui: é uma expressão de amor e vida em comunidade (FRIEIRO, 1982)

Além disso, o Vale do Jequitinhonha é conhecido por suas festas e celebrações vibrantes. Durante o Carnaval, as ruas ganham vida com desfiles coloridos, música contagiante e danças animadas. As festas religiosas, como as comemorações em honra às santas padroeiras (Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora do Rosário, etc) são marcadas por procissões emocionantes e rituais tradicionais. “O catolicismo das Minas”, experimenta no norte-nordeste do estado uma qualidade forte em termos da mistura cultural, uma ‘antropologia’ religiosa que “sempre teve nas festas aos santos padroeiros das Irmandades o ponto alto de suas práticas. A esta vida religiosa festiva somam-se diversas crenças no sobrenatural, de inspiração bíblica e teológica, que dialogam com as crenças e práticas mágicas, não apenas as de origem africana.” Não por acaso,

esse catolicismo místico se expressa em diversas categorias de ameaças místicas, como o “mau-olhado”, o “quebranto”, “encostos”, “feitiços e despachos”, cujos efeitos maléficos podem ser neutralizados por “benzeções e orações”, “simpatias”, “ritos de cura e trabalhos”, que terminam por consolidar a ideia de uma cultura fortemente marcada pela presença da feitiçaria no seio de suas relações sociais constitutivas. (DA SILVEIRA, p. 309, 2008)

No entanto, o Vale do Jequitinhonha também enfrenta desafios sociais e econômicos significativos. A falta de políticas públicas muitas vezes contrasta com a riqueza cultural da região. Apesar dessas dificuldades, o povo do Vale continua a preservar e valorizar suas tradições, encontrando na cultura uma fonte de resistência, esperança e resiliência. Em um contexto de mineração o desrespeito aos modos de vida das pessoas que aqui vivem, culmina na ameaça à cultura, às artes e a tradição do Vale do Jequitinhonha.

*Sim, no Jequi tem nbonha.  
No Jequi tem muito mais.  
Não é que somos pobres,  
Somos ricos até demais.  
Nosso retrato é estampado,  
Pela arte que a gente faz;*

*Temos vilas e vilarejos.  
Capelas e catedrais.  
Temos cultura de folclore  
Lavouras de bananais.  
Quando provam nossa comida,  
Comer é o que querem mais.*

*Somos do Jequitinhonha.  
De onde as pedras são exploradas.  
Ao invés de ficarem lá,  
De lá é que são levadas.  
Carreta sobe, carreta desce  
Pelas estradas asfaltadas.*

Estrofes do poema "no Jequi tem nbonha?" de Ernani Calazans, professor, poeta, fotógrafo, escultor e pintor da cidade de Francisco Badaró.

Figura 4 - Estrada que corta o Vale do Jequitinhonha



Fonte: Foto de Breno Antunes, 2019. Disponível em: <http://www.valedojequitinhonha.tur.br/paisagens-dos-vaes.html>. Acesso em 25 de outubro de 2023.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. S. Rios lavradores de sonhos. In: MACEDO, Magda Martins; SILVA, Cássio Alexandre da; ALMEIDA, Clebson Souza; MARTINS, Ivy F. Higino. (org) **Opará e Jequi**: os vales e seus saberes. 1 ed.–Montes Claros: Projeto Cultural, 2017. p. 19 – 25.

DA SILVEIRA, Marcos Silva. A Ameaça do Outro: magia e religiosidade no Vale do Jequitinhonha (MG). **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 17, n. 17, p. 307-311, 2008.

FRIEIRO, Eduardo. Feijão, angu e couve: ensaio sobre a comida dos mineiros. **Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. 1982**

FIGUEIREDO, Ana Flávia Andrade; PAES, Sílvia Regina; NOBRE, José Cláudio Luiz. Escritas no barro: encantaria da Lira Marques no Vale do Jequitinhonha. **Ayé: Revista de Antropologia**, v. 5, n. 1, 2023.

**Quadro 1 - Roteiro do áudio produzido pelos estudantes da EFA, a partir das discussões sobre o tema “Vale do Jequitinhonha”.**

Vale da riqueza, somos em questões econômicas e culturais, e juntos podemos mudar o que contam sobre o nosso vale. O vale do Jequitinhonha é bem mais do que estão a falar, parece que aqui só tem pedra preciosa, mas precioso é o que tem por cá, o artesanato é o nosso bem e a culinária agrada qualquer paladar. As festas são alegria, que nos fazem agitar, faz parte da nossa tradição, então vamos festejar!

Não somos " vale do lítio " nosso vale já tem nome e é vale do Jequi.

Não temos apenas uma riqueza, o vale é cultural!

Queremos justiça e desenvolvimento!

**Fonte: Arquivo particular dos autores (2023).**

# 3

## NOSSAS CULTURAS, NOSSAS IDENTIDADES

*Karina Mendes Luiz  
Aiandra Santos Passos*

O Vale do Jequitinhonha é rico em cultura, em artes, saberes e tradições. Somos fartos culturalmente, na nossa essência, um Vale de grandes riquezas. Vale da Esperança, Vale do Amor de um povo lutador. Vale com riquezas naturais variadas, Vale de potencial agrícola, com povo trabalhador e sonhador.

Apesar de suas riquezas, a região tem algumas cidades com os piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH). O território passa por longo período sem chuvas e, por essa razão, necessita de políticas públicas de convivência com esse fenômeno, como as barraginhas, cisternas de captação e armazenamento de água das chuvas, recursos aos quais poucas pessoas têm acesso.

O Vale leva sua representatividade para todo o mundo, leva consigo a cultura, a música e o artesanato. É o Vale das lavadeiras, dos canoeiros, dos trovadores, dos bem-te-vis e das araras, das bordadeiras e benzedadeiras: é o Vale do Beira-Mar. Carrega no seu canto grandes nomes político-artísticos como Lira Marques, Frei Chico, Rubinho do Vale, Paulinho Pedra Azul, Lori Figueiró, Gildásio Jardim, Sá Luzia, Josino Medina, Seu Lidirico, Alê do Rosário, Gonzaga Medeiro, Tadeu e Lucianas.

Vale do Jequitinhonha e os seus mestres de ofício, Mestre Zefa (Araçuaí), mestre Antônio (Minas Novas), Mestras Geralda (Tocoiós), Pretinha

(Itaobim), Aneli (Chapada do Norte), Mestra Isabel Mendes da Cunha (Santana do Araçuaí), mestres Ulisses Pereira Chaves, Noemisa Batista (Carai), mestra Lira Marques (Araçuaí), mestre Ulisses Mendes (Itinga), dentre outros notáveis do Vale!

*Vale de meu Deus!  
Vale de cantos e encantos, Santos e amantes.  
Terra de Nossas Senhora, a senhora da Lapa. A Santa dos explorados que lutam  
incansáveis por hora e por outrora.  
Por muito tempo fomos explorados, riqueza? Nosso vale sempre teve, mas para nós nada  
de dinheiro aqui ficou.  
Continuamos sendo explorados, falsos enganadores nos promete melhorias, há quem  
acredite que o desenvolvimento aqui reinou.  
O que conosco reinou foi a honra, a sabedoria, a dignidade, nossos saberes, nossas lutas e  
nossas tradições que é a nossa riqueza maior!  
Nossas raízes o nosso povo fortalece. Persistimos em caminhar, insistimos em perdurar e  
a nossa vez irá de chegar.*

Karina Mendes professora e poetisa de Virgem da Lapa

### **Alguns Destaques do Vale do Jequitinhonha**

- **Gildásio Jardim**

Gildásio Jardim nasceu em Joáima, no baixo Vale do Jequitinhonha, em 1981.

Figura 1 - Artista Gildásio Jardim



Fonte: Extraído de Gildásio:  
<https://memorial.org.br/exposicoes/gildasio-jardim/> Acesso em 25 de outubro de 2023.

Figura 2 - Artista Gildásio Jardim



Fonte: Extraído de Gildásio:  
<https://memorial.org.br/exposicoes/gildasio-jardim/> Acesso em 25 de outubro de 2023.

Figura 3 - Arte de Gildásio Jardim em homenagem a Ale do Rosário



Fonte: Extraído de Gildásio:  
<https://memorial.org.br/exposicoes/gildasio-jardim/> Acesso em 25 de outubro de 2023.

Figura 4 - Arte de Gildásio Jardim, Arte em trânsito



Fonte: Extraído de Gildásio:  
<https://memorial.org.br/exposicoes/gildasio-jardim/> Acesso em 25 de outubro de 2023.

Figura 5 - Arte de Gildásio Jardim, Figura 6 - Artista Gildásio Jardim pintando Ceramista do Jequitinhonha



Fonte: Extraído de Gildásio: <https://memorial.org.br/exposicoes/gildasio-jardim/> Acesso em 25 de outubro de 2023.

Fonte: Extraído de Gildásio: <https://memorial.org.br/exposicoes/gildasio-jardim/> Acesso em 25 de outubro de 2023.

- **Lira Marques**

Maria Lira Marques Borges nasceu em Araçuaí na região do Médio Jequitinhonha em 1945.

Figura 7 - Fotografia de Lira junto de uma de suas obras.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria\\_Lira\\_Marques#/media/Ficheiro:Maria\\_Lira\\_Marques\\_em\\_2019\\_segurando\\_uma\\_de\\_suas\\_pinturas\\_dos\\_Bichos\\_do\\_Sert%C3%A3o.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Lira_Marques#/media/Ficheiro:Maria_Lira_Marques_em_2019_segurando_uma_de_suas_pinturas_dos_Bichos_do_Sert%C3%A3o.jpg). Acesso em 25 de outubro de 2023.

**Maria Lira Marques**

Poema de Lori Figueiró

*Mulher de muito fazer  
calcorreia trilhas de um sertão  
de convívio íntimo  
e imaginário  
a elevar-se  
às aragens cósmicas.  
Cúmplice da natureza,  
intérprete de si mesma,  
consagra com as mãos  
seres profundos.  
convictos de pertencerem a um Deus.  
Sublimes  
os acariciamos  
com gestos  
que se reconhecem  
celebração e comunhão  
no estardalhaço chão  
de texturas ásperas  
e cores indelévels  
das terras do Araçuaí*

● **Lori Figueiró**

É fotógrafo e membro fundador do Centro de Cultura Memorial do Vale, nascido em Diamantina.

Figura 7 – Foto de Lori Figueiró



Fonte: <https://lorifigueiro.com.br/fotografias/> Acesso em 25 de outubro de 2023.

Figura 8 – Exemplo de fotografias de Lori que retratam o nosso Valioso Vale



Fonte: extraído de <https://lorifigueiro.com.br/fotografias/>. Acesso em 25 de outubro de 2023.

- **Gonzaga Medeiros**

Figura 9 – foto de Gonzaga Medeiros



Fonte: <https://loope.com.br/autor/gonzaga-medeiros/>. Acesso em 25 de outubro de 2023.

Advogado, poeta, declamador, compositor, apresentador de eventos culturais, natural de Fronteiras do Vale, distrito de Águas Formosas.

### **DONA TERRA SEM DONO**

Gonzaga Medeiros

A Terra é de ninguém, a ninguém pertence em definitivo.  
Quando alguém aqui primeiro chegou,  
a Terra aqui já estava, já era dona sem dono.  
Fosse o caso de se achar no direito  
de ser dono de imensa parte dela  
quem aqui primeiro chegasse,  
logo não haveria terra pra ninguém mais!

Certo mesmo seria que esse tal primeiro habitante  
tivesse se apossado da parte de que realmente precisasse,  
de modo que quando outros fossem chegando,  
pudessem também se apossar  
de outras partes nessa medida,  
porque a cada dia novos outros chegariam  
iguais em tudo, direitos e obrigações,  
ocupando seu pedaço.

Assim, já estando aqui a Terra quando todos chegaram,  
só ela seria (e é) soberana em propriedade,  
pois que nunca devesse ser mercadoria,  
sendo pois, a Terra, a dona das pessoas  
e não as pessoas donas da Terra,  
até porque, ao contrário das escrituras,  
o céu e a Terra não passarão, porque eternos,  
mas a pessoa, sim, passageira, passará.  
E quem simplesmente passa, de nada pode ser dono.

A Terra é estrada por onde a vida passa.  
Só quem fica pode dela se apossar  
no jeito e na medida que a vida aguentar.  
A Terra é dona de tudo e a ela todos devolvem  
tudo que dela tiraram na condição de passantes,  
para que assim os outros todos, chegantes,  
possam ter terra por onde passar e viver,  
onde morrer e se enterrar

O Vale do Jequitinhonha carrega consigo marcas de resistência e valorização de sua história. Sua arte é uma forma de sustento e reconhecimento, a cerâmica, a música, a tecelagem, a poesia são símbolos característicos do seu povo. Patrimônio que enfrenta grandes ameaças diante do avanço da mineração na região. Com a extração do mineral, geram-se empregos temporários, movimenta-se a economia e provocam-se grandes impactos ao meio ambiente e social. Mas há a contaminação dos rios, a degradação do solo e a exploração predatória, que põem em risco os recursos naturais, afetando suas comunidades tradicionais e enfraquecendo suas formas de organização e seus modos de vida.

É importante refletirmos sobre a necessidade de políticas públicas que incentivem as artes do Vale do Jequitinhonha, que as fortaleçam de maneira sustentável, valorizando e garantindo a identidade cultural, de maneira que não seja destruída pelo avanço da mineração. Além disso, sejam políticas que respeitem o meio ambiente e valorizem os saberes tradicionais, de forma a assegurar às futuras gerações possibilidades para criar e compartilhar a riqueza artística do nosso Vale do Jequitinhonha.

#### **REFERÊNCIAS:**

FERNANDES, F.R.C.; LIMA, M. H. M. R.; TEIXEIRA, N.S. **Grandes minas do semiárido brasileiro e o desenvolvimento local.** In: *Grandes*

Minas - Recursos Minerais e Sustentabilidade Territorial, p. 97-111, v. 1, 2012.

CBL, Companhia Brasileira de Lítio. **Quem somos**. Disponível em: <<https://www.cblitio.com.br/a-cbl>>. Acesso 03/11/2023.

**Quadro 1 - Roteiro do áudio produzido pelos estudantes da EFA, a partir das discussões sobre o tema “Nossas culturas, Nossas identidades”.**

**Vale, nossas culturas, nossas identidades.**

Vale do Jequitinhonha,  
Terra de cultura e riqueza  
Povo de essência  
Que cultivava sua pureza.

Vale que vale amar  
Vale que vale cantar  
Fale que vale viver  
Fale que as pessoas não querem perder

Valorizar suas artes e tradições  
Culturas e paixões  
Seus artesanatos transbordam o amor  
Vale de cantos e encantos.

Vale da pobreza? Não!  
Vale quem embeleza a natureza  
Vale, sim!  
Vale da riqueza.

Lugar de esperança,  
De um povo lutador  
Da cultura e da herança  
E com ela vem o ardor.

Vale de um povo sonhador  
De um povo humilde lutador  
Trabalhamos com a fé em Deus  
Que é onde ele guarda os seus.

Fonte: Arquivo particular dos autores (2023).

# 4

## O NOSSO RIO JEQUITINHONHA

*Marília Gabriela Rodrigues da Silva*  
*Sabrina Santos Esteves*

Figura 1 - Ponto de travessia do Rio Jequitinhonha: de Taquaral para Jenipapo, no Município de Itinga



Fonte: Arquivo particular de Marília Gabriela.

O Rio Jequitinhonha é a maior riqueza da região, não apenas por suas pedras preciosas, mas pelas culturas populares e tradições desenvolvidas pelo povo no entorno do rio. O Vale do Jequitinhonha carrega milhares de histórias e lendas que formaram as identidades dos povos pertencentes a seu território.

Desse modo, existem várias lendas sobre a história do surgimento do nome Rio Jequitinhonha. Duas dessas histórias popularmente conhecidas são de origem indígena. Segundo Almeida (2017) a origem do nome do rio é indígena, mas imprecisa: “Rio Largo e cheio de peixes” ou pela junção do termo "jequi", que significa "instrumento feito de bambu para pegar peixes" e Nonhas, que eram os peixes. Popularmente se conta que “No Jequi tem Nhonha?” era a pergunta que se fazia logo cedo para saber se havia pesca dentro do instrumento; com isso, fizeram as junções originando o nome do Jequitinhonha. O Rio Jequitinhonha guarda ainda todo um histórico riquíssimo de culturas. Há as lavadeiras, que com as lavagens de roupas, seus cantos e jogadas de versos na beira do rio carregam uma cultura popular linda, como o exemplo a seguir:

### **Ô SIRI VEM CÁ<sup>6</sup>**

*Ô siri vem cá, ô siri vem vê*

*Ô siri vem cá, ô siri vem vê*

*Eu passei no pé da lima*

*Chupeí lima sem querer*

*Abracei com o pé da lima*

*Pensando que era você*

---

<sup>6</sup> Coral das Lavadeiras do Jequitinhonha e Carlos Farias - Ô SIRI VEM CÁ - Folclore - recolhido e adaptado por Carlos Farias. Álbum: Batukim Brasileiro - O Canto das Lavadeiras, 2015. Disponível em:

<<https://youtu.be/Zg5PSeXwnYk?si=5nn67CQrq0tuhMCR>>.

Acesso em: 31/10/2023.

*Minha mãe me chamou feia*

*Eu chamei ela formosa*

*Quando foi no outro dia*

*Venha cá botão de rosa*

*Da laranja eu quero um gomo ó siri vem cá, ó siri vem vé*

*Da lima quero um pedaço avião, avião avuadô*

*Da sua boca eu quero um beijo nem aqui nem na Bahia*

*Do seu corpo um abraço avião nunca pousô*

Coral das Lavadeiras do Jequitinhonha e

Carlos Farias - Ô SIRI VEM CÁ

Também havia canoeiros que carregavam mantimentos de uma cidade a outra, por não haver estradas e pontes para transporte. Não podemos deixar de lembrar a prática dos ribeirinhos, que além da pesca, sempre realizaram a agricultura artesanal nas margens do rio. Essa atividade é ainda muito presente na vida de muitas famílias que moram perto do rio. Assim, o Rio Jequitinhonha é uma fonte de sustento para seu povo, principalmente como fonte de água, agricultura familiar e pesca. Sabemos que, além de ser visto como um Rio, que em suas redondezas é rico de minérios, pela existência do diamante, ouro, prata, lítio entre outras preciosidades, para a comunidade pertencente ao Jequitinhonha, ele possui valores maiores do que estes. O Rio Jequitinhonha, por conta dos seus marcos culturais, gera um grande

sentimento de pertencimento ao território, como afirma Fernandes (2012),

O território camponês é o espaço de vida do camponês. É o lugar ou os lugares onde uma enorme diversidade de culturas camponesas constrói sua existência. O território camponês é uma unidade de produção familiar e local de residência da família, que muitas vezes pode ser constituída por mais de uma família. Esse território é predominantemente agropecuário, e contribui com a maior parte da produção de alimentos saudáveis, consumidos principalmente pelas populações urbanas (p.746).

O rio Jequitinhonha é fonte de sobrevivência para muitas pessoas, em relação ao alimento e ao trabalho. Suas riquezas naturais são utilizadas tanto para os bens dos povos que vivem ao seu redor, como para produção de artesanato, no caso da argila. Como referência de grandes mestres de saberes, temos a Lira Marques, nascida em Araçuaí e que desde o início da sua trajetória como artesã, utilizou do barro do vale do Jequitinhonha para fazer suas peças significativas e de grande representação da nossa região. Infelizmente essas riquezas culturais estão se perdendo nos dias atuais, pois o meio ambiente está sofrendo vários ataques predatórios, os recursos naturais estão sendo explorados de maneira abusiva, prejudicando a sustentabilidade do vale. As margens do rio estão sendo desmatadas. O Jequi está sendo poluído por venenos e rejeitos de indústrias, não existem políticas públicas efetivas para saneamento básico, por isso o esgoto está desaguando no rio e com seus efeitos está tirando a beleza das águas puras e cristalinas. O nosso Jequi pede socorro, a sua fonte não pode

secar. O rio que antes era fundo, cheio de vida, navegável, hoje se encontra, raso e desgastado. Como diz o livro "Opará e Jequi" (2017), se o rio pudesse falar, provavelmente proclamaria,

Se eu estou banhado pelos esgotos das cidades, poluído pelos metais pesados do garimpo e das mineradoras, assoreado pelas erosões causadas pelas monoculturas plantadas e esvaziado pelas barragens, é porque falta solidariedade comigo e consciência sobre a importância da minha vitalidade para a convivência sustentável do povo do Vale do Jequitinhonha. Mas eu sou o Rio Jequitinhonha. Sou Jequi! Rio que segue em frente para a vida. Sou um Rio de verdade, esperançoso e fértil, assim como a criatividade e coragem do meu povo. Com a ajuda desse povo, alegre e cantador, vou resistir! Conto com vocês para fortalecer nossa luta por minha vitalidade e sustentabilidade! Pois, como dizem os meus cantadores: "O Vale, vale vida, verde, verso e viola!" (p.25)

Concluimos que é necessário o fortalecimento dos laços dos povos que têm suas identidades culturais enraizadas no nosso Vale, que haja conscientização para um ambiente agroecológico e sustentável, que como diz Paulinho Pedra Azul em sua música continue sendo o:

### JEQUITINHONHA

*Jequitinhonha braço de mar  
Leva esse canto pra navegar  
Traça do garimpo pedra que brilha  
Mais que a luz do luar  
Jequitinhonha, jequitibarro  
Mete essa unha, tira da terra  
Vida talhada com as mãos  
Vida talhada com as mãos  
Já te quis, já te quis, já te quis tanto  
Já te fez, já te fez, já te fez sonbo*

*Te cantei, te cantei, te cantei pranto  
Como a água da chuva que inunda esse chão  
Já te quis, já te quis, já te quis tanto  
Já te fiz, já te fiz, já te fiz sonbo  
Te cantei, te cantei, te cantei pranto  
Como a água da chuva que inunda esse chão  
Já te quis, já te quis, já te quis tanto  
Já te fiz, já te fiz, já te fiz sonbo  
Te cantei, te cantei, te cantei pranto  
Como a água da chuva que inunda esse chão  
Já te quis, já te quis, já te quis tanto  
Já te fiz, já te fiz, já te fiz sonbo  
Te cantei, te cantei, te cantei pranto  
Como a água da chuva que inunda esse chão*

Paulinho Pedra Azul

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, B.M. Território camponês. In: CALDART, R.S. *et al.* (org). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 746-750.

ALMEIDA, C. S. Rios lavradores de sonhos. In: MACEDO, Magda Martins; SILVA, Cássio Alexandre da; ALMEIDA, Clebson Souza; MARTINS, Ivy F. Higino. (org) **Opará e Jequi: os vales e seus saberes**. 1 ed.– Montes Claros: Projeto Cultural, 2017. p. 19 – 25.

**Quadro 1 - Roteiro do áudio produzido pelos estudantes da EFA, a partir das discussões sobre o tema “O nosso rio Jequitinhonha”.**  
**Fonte: Arquivo particular dos autores (2023).**

***Rio Jequitinhonha***

*Quanto tempo levaríamos pra sobreviver*

*Se o Rio Jequitinhonha parasse de correr*

*Como continuar as tradições dos ribeirinhos?*

*É como tirar dos pais, seus filhinhos*

*O Jequitinhonha, preservar*

*A mata ciliar, recuperar*

*Vamos unir forças pra mobilizar*

*Temos muitas riquezas*

*Uma bela natureza*

*Mas ninguém tenta preservar*

*O nosso Rio é nossa casa*

*Uma eterna morada*

*Quem ama tem que saber cuidar*

Paródia da música Sinônimos - Zé Ramalho.

Fonte: Arquivo particular dos autores (2023).

# 5

## ÁREA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL CHAPADA DO LAGOÃO

*Matheus Pacheco da Veiga  
Manoel Carlos Souza Matos  
Cristiano Marques de Souza*

Localizada à aproximadamente 25 km da sede da cidade de Araçuaí, a Chapada do Lagoão é também conhecida popularmente como Samambaia, Lapinha ou Brejão, a qual, conforme Carvalho (2019), trata-se de uma área de preservação ambiental (APA) que abriga 139 nascentes.

Figura 1 - Mapa que mostra a localização da Chapada do Lagoão.



Fonte: google Earth. Acesso em 25 de outubro de 2023.

Figura 2 - Imagens da Chapada do Lagoão



Fonte: <https://mab.org.br/2023/05/12/chapada-do-lagoao-mg-anula-autorizacao-para-pesquisa-sobre-mineracao/>. Acesso em 25 de outubro de 2023.

O território da APA é composto pelas comunidades Girau, Igrejinha/São Vicente, Corguinho, Barriguda do Meio e de Cima, São Pedro do Córrego do Narciso, Córrego do Narciso de Baixo/Meio, Quatis, Neves, Tesouras de Cima e São José das Neves, onde, segundo Rodrigues (2014), encontra-se cerca de 400 famílias de agricultores familiares que têm o seu sustento advindo deste local.

### **Dados quantitativos sobre a Chapada**

A APA da Chapada do Lagoão é uma Unidade de Conservação, assim como os parques, mas que permite a ocupação humana desde que ela seja de uso sustentável, possuindo 24.180 hectares (10,78 % da área do

município). Sua altitude média é de 850 m, e foi incluída na Lei Orgânica da Câmara de Araçuaí pelo Art. 17, de 21 de abril em 1990 (APA CHAPADA DO LAGOÃO, 2011).

A APA possui um platô que contém frutas nativas como Pequi, Araticum, Jatobá, Cagaiteira, Rufão e Pinha, além de outras plantas, como uma palmeira da qual se faz a vassoura. O território ainda conta com oito lagoas que dão nome à chapada e, nas épocas chuvosas do ano, recebem aves migratórias (APA CHAPADA DO LAGOÃO, 2011).

Figura 3 - Mapa que mostra a localização do Lagoão.



Fonte: google Earth. Acesso em 25 de outubro de 2023.

Figura 4 – Fotografias do Lagoão



Fonte: <https://coticulteco.blogspot.com/2012/01/chapada-do-lagoao.html> . Acesso em 25 de outubro de 2023.

Considerado o reservatório de águas do município, o Lagoão tem enfrentado desafios: o desmatamento e a resistência contra a implantação de monoculturas, por exemplo, a do eucalipto; e recentemente, a chegada da mineração com a intenção em explorar essa área tão rica para o nosso povo.

## **A importância da conservação da APA Chapada do Lagoão**

Diante do exposto acima, podemos concluir que este território tem uma relação direta com os modos de vida, trabalho e renda das diversas comunidades tradicionais locais, onde as famílias têm como meios de subsistência a agricultura familiar, pecuária, artesanatos e extrativismo. A partir da importância da APA para a região, em 1998 foi fundada a Escola Família Agroecológica de Araçuaí (EFA-Araçuaí), para, a partir da educação de jovens, contribuir com a preservação deste local (EFA, 2021).

A EFA-Araçuaí tem como objetivo a formação técnica em agroecologia, conhecimento muito necessário quando se pensa no uso sustentável da área da APA. É necessário um manejo agroecológico da área, pois, segundo Ferrari e colaboradores (2010), esta forma de manejo é muito importante para preservar, por exemplo, as nascentes que estão situadas naquele território. A chapada é localizada em uma região mais alta, que forma grandes lagoas em sua cabeceira, o que muitos questionam, pois imaginam que o acúmulo de água aconteça somente nas regiões mais baixas, como os tabuleiros. Segundo Ferrari e colaboradores (2010) e conforme a própria prática dos agricultores no local, os Sistemas Agroflorestais (SAFs), que consistem em um tipo de manejo agroecológico, permitem cultivar e produzir seus alimentos de maneira sustentável, como por exemplo, o cultivo frutífero no meio de plantas nativas, sem desmatamento.

Podemos notar a importância da Chapada do Lagoão para o município e os que estão ao seu entorno, um berço de águas, com uma fauna e flora bastante diversificadas. Entretanto, a mineração intensificada no

território oferece riscos, pois acabará consumindo grandes volumes de água em sua produção, o que produz elevadas quantidades de rejeitos que podem conter substâncias venenosas. Estas se misturam na água superficial e profunda, de forma a colocar perigo para a vida silvestre e humana. Outra prática comum destes empreendimentos é o descarte inadequado de seu lixo seco e úmido, fato que levou ao traumático rompimento de barragens de rejeitos em Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais. Como resultado, se sabe que rios, córregos, lençóis freáticos estão à beira da morte, ceifada a qualidade da água, limitadas as condições de vida aquática e ribeirinha na região. Em suma, da mineração, cenários grandiosos emergem, promessas e riquezas, mas para alguns poucos que residem muito, muito longe dali. A mineração é uma das formas atuais de colonização do Brasil. Portanto, da colonização sabemos que, enquanto a riqueza vai em transatlânticos, a aridez aqui cresce e a morbidez se estabelece no território.

## REFERÊNCIAS

- APA CHAPADA DO LAGOÃO. **O que é APA.**2011. Disponível em: <http://apachapadadolagoao.blogspot.com>. Acesso em: 01 nov.2023.
- RODRIGUES, Bruno de Carvalho; OLIVEIRA, Bruna Avela; CÂNDIDO, Edson Luís. APA Chapada do Lagoão e a Percepção dos alunos do curso técnico em meio ambiente do IFNMG-Campus Araçuaí. **3º Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade.** 3ºed- Três Rios, Rio de Janeiro, 2014.p. 07.
- FERRARI, L.T. CARNEIRO,J.J.; CARDOSO, I.M.; PONTES,L.M.; MENDONÇA, E.S.; SILVA, A.L.M.S. O caso da água que sobe: monitoramento participativo das águas em sistemas agroecológicos.

**Revista Agriculturas**, v. 7, n. 3, 2010. Disponível em: <https://ctazm.org.br/bibliotecas/o-caso-da-agua-que-sobe-64.pdf>. Acesso 03 novembro 2023.

EFA. ESCOLA FAMÍLIA AGROECOLÓGICA DE ARAÇUAÍ. **História da EFA Araçuaí**. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/YdCHUXxdkfo?si=ghDs5ISNuE5Qnit9> .Acesso em: 01 nov.2023

**Quadro 1 - Roteiro do áudio produzido pelos estudantes da EFA, a partir das discussões sobre o tema “Área de preservação ambiental Chapada do lagoão”.**

### **O que é a APA da Chapada do Lagoão?**

É uma área de preservação ambiental e está localizada a aproximadamente 25 km da cidade de Araçuaí, contém diversas comunidades em seu entorno. Ela surgiu por meio da luta de moradores contra tentativas de grilagem por parte de empresários paulistas que chegaram invadindo a área com intenção de explorar seus recursos naturais.

A reserva é de suma importância, pois é considerada a caixa d'água de Araçuaí, abastecendo diversas comunidades graças a suas nascentes. Busca preservar os recursos naturais, garante uma qualidade de vida melhor para os moradores tanto de zona rural quanto da urbana.

Fonte: Arquivo particular dos autores (2023).

# 6

## **VALE VIVER SEM SAÚDE?**

*Maria Rosa Marques de Matos  
Silmara da Silva Pereira*

O Vale do Jequitinhonha é rico em saberes tradicionais, saberes esses que fazem parte da tradição e da cultura do Vale. Um deles é a produção de medicamentos alternativos, utilizando as plantas medicinais. A utilização desses medicamentos é muito presente neste território; é uma tradição que vai passando de geração em geração. (CRUZ *et al.*, 2015). Com isso, os moradores sempre buscam os mestres e as mestras de saberes para se benzerem ou fornecer tratamentos ancestrais, quando estão passando por algum problema de saúde. Para fazerem esses medicamentos alternativos, as pessoas necessitam colher as plantas medicinais nativas de forma extrativista, como é o caso de algumas raízes; algumas espécies são cultivadas em casa. Por isso, a preservação ambiental da vegetação nativa é muito importante, já que depende dela a continuação da produção de medicamentos que contribuam com o cuidado da população local.

Os saberes tradicionais do uso das plantas medicinais contribuem positivamente para o cuidado da saúde das pessoas do Vale, principalmente nas comunidades rurais. Então, afetar de forma degradante o território natural de produção dessas plantas significa

afetar o acesso à saúde dos moradores do Vale, impactando muito no modo de vida das pessoas, conforme afirma a raizeira entrevistada:

“A mineração, eu acho que anda acabando com nossos remédios naturais, né? As vezes no local de mineração tem muitos remédios que a gente precisa de utilizar, né? E eles estão ali acabando com os remédios, né, que a gente precisa.”

Acrescenta-se que a mineração destrói não somente os espaços de colheita, mas também polui as águas, entre outros fatores, o que impacta diretamente na produção de medicamentos alternativos e conseqüentemente na saúde física e mental das populações do Vale que estão próximas às áreas de mineração.

Além disso, a mineração traz problemas respiratórios, como a pneumonia, já que a extração faz uma imensa nuvem de poeira que atinge os trabalhadores e também os moradores que residem próximo ao local (SILVEIRA *et al.*, 2020). Os problemas não se restringem somente ao exposto, já que também existem os danos psicológicos causados aos moradores, pois existe a poluição sonora e a invasão do território, além do aumento da violência que causa medo e tira a paz. Tais problemas advindos da mineração fazem parte de um conjunto de impactos sociais que afetam o modo de vida das pessoas. (GEROTTO; *et al.*, 2019).

Assim, o desenvolvimento proposto pelas grandes empresas traz um aumento na economia, mas e a vida das pessoas que residem no local? Vale viver sem saúde? Vale viver sem paz? Vale viver com medo? É de se pensar no desenvolvimento no Vale e pensar no que vale a pena.

## REFERÊNCIAS

CRUZ, M. J. B.; *et al.* **Uso de plantas medicinais por famílias do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil.** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri- UFVJM. P. 38 – 48, 2015

GEROTTO, G.; *et al.* Impacto social da mineração: Uma comparação entre a percepção da empresa e a da comunidade. **Contextus–Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 17, n. 3, p. 139-166, 2019.

SILVEIRA, H; DOS SANTOS SILVA, K; GONÇALVES CAMELO BARBOSA, J; DA SILVA FONSECA. J. V; LIBIA, V. M. Aprovação de Licenças Ambientais para Expansão da mineração de Lítio no Brasil e falta de Informação sobre Impactos à Saúde Humana. **Revista Multidisciplinar em Saúde**. V. 1, n. 2, p. 39, 2020. Disponível em:

<https://editoraime.com.br/revista/index.php/rem/s/article/view/2>.

Acesso em; 23 out. 2023.

**Quadro 1 - Roteiro do áudio produzido pelos estudantes da EFA de Araçuaí, a partir das discussões sobre o tema “Vale viver sem saúde?”.**

**Saúde no Vale**

O nosso Vale é rico  
Em saberes Tradicionais  
Faz remédios alternativos  
Utilizando plantas medicinais

Tem também a benzeção  
Que pode até curar mau olhado  
Se tiver fé na oração  
Em instantes vai ficar curado  
Não é só mau olhado  
Pode benzer a dor e a ofensa  
Se você estiver precisado  
E depositar a sua crença

Além da benzedeira  
Você pode contar com a parteira  
Para ajudar na gestação  
Também no parto e na recuperação

Pode usar hortelã-pimenta  
Gengibre, mel e limão  
Para aqueles que têm gripe  
E procuram a solução

Nas matas nativas da região  
Encontramos buta, quina e barbatimão  
Tem medicamentos pra muita coisa  
Até mesmo pra visão

A mineração está chegando  
E com ela a poluição  
Destruindo o nosso solo, água, ar  
As nossas terras e a vegetação  
A mineração prejudica nosso rio Jequi  
Que é o melhor da região

Ele nos ajuda a irrigar  
A nossa plantação

Vamos valorizar essa cultura  
Cuidar de nossas tradições  
Valorizar os conhecimentos das plantas  
Que vem de nossas gerações.

**Fonte: Arquivo particular dos autores (2023).**

# 7

## O DESENVOLVIMENTO QUE QUEREMOS

*Rozilene Pereira da Silva  
Denilson da Silva Pereira*

O desenvolvimento que queremos é aquele que inclua o povo do Vale, suas experiências, saberes e modos de vida, portanto não pode deixar de fora o povo. O crescimento econômico é importante também, pois é fundamental garantir meios financeiros às pessoas para que sustentem seu direito de viver com saúde e tranquilidade, mas o crescimento financeiro promovido pela atividade mineratória não pode ser confundido com o desenvolvimento social.

Segundo Cleonice Pankararu, uma das lideranças da aldeia Cinta Vermelha de Jundiba, do município de Araçuaí, como ter desenvolvimento ou progresso sem levar em consideração o ar, a água e o solo em que vivemos?

Partindo disso: “O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades.” (SILVA, 2012, p.208).

Ou seja, é um desenvolvimento pensado nas especificidades do modo de vida, nas necessidades dos moradores locais. O povo, a partir da

sua própria relação com o território e sua história de ocupação, é que deve definir quais projetos podem trazer desenvolvimento sustentável para os lugares e não o desenvolvimento modernizador que as pessoas de fora, que não conhecem a realidade do Vale, tentam impor.

São necessários projetos que ajudem os pequenos produtores e agricultores familiares na convivência com o semiárido, que preservem a cultura e o modo de vida das pessoas, que visem à conservação dos biomas existentes, assim como a fauna e flora tão rica no Vale, mas que é constantemente ameaçada. Projetos na perspectiva de sistemas agroflorestais e permaculturais que levam em consideração os conhecimentos tradicionais e dialogam com os conhecimentos científicos, é que poderão fortalecer a agricultura e o turismo no Vale do Jequitinhonha.

Para Oliveira, pensar em desenvolvimento é pensar em um conjunto de variáveis que influenciam a qualidade de vida da sociedade. (OLIVEIRA, 2002). Diante disso, trata-se de uma região com riquezas que integram, dentre outros aspectos, o que podemos chamar de desenvolvimento, pois estão diretamente ligadas ao modo de vida na região. Sendo assim, como exemplo de riqueza regional, temos o artesanato em barro do Vale do Jequitinhonha, que se tornou Patrimônio Cultural do Estado de Minas Gerais no ano de 2018. Além disso, temos vários outros tipos de artesanato, que demonstram saberes transmitidos de geração em geração e assim se perpetuam.

Existe também um grande potencial turístico na região, como exemplo, as grutas e lapas com pinturas rupestres em Itinga-MG. Já foram localizadas, fotografadas e filmadas “figurações rupestres em 04

(quatro) abrigos sob rocha (grutas e lapas). Mas, segundo relatos feitos por habitantes locais, há inúmeros outros a serem pesquisados.” (MARQUES, *et al.* 2016, p. 2). Enfim, o povo do Vale, a partir da sua relação de amor com seu território, é possuidor de riquíssimos conhecimentos que fazem parte do almejado desenvolvimento sustentável: a agricultura familiar desenvolvida na região, os quintais produtivos presentes em quase toda casas, os diferentes tipos de artesanato, a cultura local, a culinária, as tradições. Mas, para mudar a realidade, é necessário o investimento de políticas públicas de mobilidade, saúde, educação, meio ambiente, entre outras.

### **A NOSSA RIQUEZA É O NOSSO POVO!**

Figura 1 - Artesão Ulisses Mendes, Itinga, 2018.



Fonte: <https://lorifigueiro.com.br/fotografias/> .Acesso em 25 de outubro de 2023.

Figura 2 -Artesã Maria Lira Marques Borges, Araçuaí, 2013.



Fonte: <https://lorifigueiro.com.br/fotografias/>. Acesso em 25 de outubro de 2023.

Conversamos com alguns mestres e líderes comunitários da Comunidade Padre Mário Uzan de Itinga, para entender qual seria o desenvolvimento necessário sob o ponto de vista deles e destacamos algumas falas:

*“Desenvolvimento é quando as pessoas conseguem melhores condições de vida, através do desenvolvimento financeiro, que conseguem através do trabalho que desenvolvem.”*

*“O desenvolvimento dentro da mineração está acontecendo só pra quem tá explorando, porque a região continua do mesmo jeito.”*

*“O desenvolvimento que queremos é onde conseguimos plantar e colher sem se preocupar com as estradas em tempo chuvoso, que possamos transitar com mais tranquilidade.”*

## **O “desenvolvimento” do ponto de vista capitalista**

Em 2010 a cidade de Araçuaí recebia cerca de 0,28% de receita da Compensação Financeira pela Exploração Mineral (CFEM), o que corresponde a R\$ 2,43 por habitante (FERNANDES, LIMA, TEIXEIRA, 2011).

Atualmente: “Por lei, a Sigma deve pagar a CFEM, que corresponde a 2% dos royalties anuais da mineradora. A CFEM é recolhida pelo governo federal e distribuída entre estados e municípios onde ocorre a mineração.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAÇUAÍ-MG, 2023). Ou seja, de 0,28% subiu para 2%. No entanto, ainda é uma compensação com valor baixo, se levar em consideração todo o faturamento anual da empresa. Os números mostram a necessidade do debate sobre o tema, pois embora a atividade cause grandes impactos ambientais e sociais na região, os tributos pagos não atendem às demandas regionais para mitigação dos danos. Isso reforça a necessidade de lutar pela construção de modelos mais racionais de uso dos recursos (DALPIAN *et al.*, 2015).

Fernandes (2007) aponta que não houve grande atratividade (por exemplo, oportunidade de trabalho) nas regiões de mineração, onde existe pouco crescimento populacional e em alguns casos a população local até diminuiu. Além disso, dados mostram que não houve aumento do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) nos municípios que têm a mineração; e também que existe muita concentração de renda nos municípios-sede da mineração, sendo assim, enquanto alguns

acumulam grandes valores em dinheiro, a maioria da população permanece na pobreza. (FERNANDES, LIMA, TEIXEIRA, 2011). Por fim, um trecho do poema de Lori Figueiró, que lembra a labuta diária do povo, mas sem perder a beleza da vida, a partir disso convida a pensar: Qual desenvolvimento queremos para o nosso Vale e para o nosso povo?

- Eu vejo, e ocês, povo meu, precisa de enxergar que a vida  
é uma flor  
de fluorescência perfumosa, mimosa.  
A gente só precisa de zelar por ela  
e num deixar qu'ela perca o viço!  
É trabalhoso,  
mas o viver  
da gente,  
povo meu  
é empreita de labuta diária, no constante!

Lori Figueiró, fotógrafo e poeta da cidade de Diamantina.

## REFERÊNCIAS

DALPIAN, Henrique; SANTOS, Dão Real do; CHIEZA, Rosa Ângela; DUARTE, Maria Regina Paiva. **Mineração e tributação no Brasil**. [S.l.]: Instituto Justiça Fiscal (IJF), 2015. Disponível em: <https://ijf.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Mineracao-e-Tributacao-no-Brasil-estudo.pdf>. Acessado em 25 de outubro de 2023.

FERNANDES, Francisco Rego Chaves; LIMA, Maria Helena Machado Rocha; TEIXEIRA, Nilo da Silva. Grandes minas do semiárido brasileiro e o desenvolvimento local In: **Grandes Minas: Recursos Minerais Sustentabilidade Territorial**, p. 97-111, v. 1, Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2011.

FERNANDES, Francisco Rego Chaves; LIMA, Maria Helena Machado Rocha; TEIXEIRA, Nilo da Silva. **Grandes minas e comunidade: algumas questões conceituais**. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2007.

MARQUES, Laureia Maria Pereira, SÁ, Kennedy Pêgo de; ALVES, Luísa Ribeiro, *et al.* Identificação e georreferenciamento de Sítios Arqueológicos com figurações rupestres nas imediações de Itinga/MG. **Seminário de Iniciação Científica**, Montes Claros. 2016

OLIVEIRA, Gilson Batista de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Revista FAE**, Curitiba, v.5, n.2, p.37-48, maio/ago. 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAÇUAÍ-MG. Notícias: **Araçuaí e Itinga receberão complementação de royalties do sigma, através do instituto lítio verde, para investimentos sociais**. 7 jul. 2023. Disponível em: <<https://www.aracuai.mg.gov.br/noticias/aracuai-e-itinga-receberao-complementacao-de-royalties-da-sigma-atraves-do-instituto-litio-verde-para-investimentos-sociais>>. Acesso em 20 out. 2023.

SILVA, Carlos Eduardo Mazzetto. Desenvolvimento sustentável. In: CALDART, R. S. *et al.* (org). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

**Quadro 1 - Roteiro do áudio produzido pelos estudantes da EFA, a partir das discussões sobre o tema “O desenvolvimento que queremos”.**

**Rádio novela**

**I:** Olá tudo bem? Nós somos estudantes da Escola Família Agroecológica de Araçuaí e estamos aqui para trazer algumas ideias para o desenvolvimento do nosso Vale do Jequitinhonha.

Então amigo, qual o desenvolvimento que você deseja para o nosso Vale?

**G:** O desenvolvimento que eu quero é que nosso trabalho em si tenha mais valor e que também haja melhor valorização das nossas culturas e que procure melhorar nossa qualidade de vida.

E a questão da Educação do Campo? Como você vê o desenvolvimento a partir dela?

**D:** A Educação do campo está sempre nos mostrando que juntos podemos trazer o desenvolvimento e, conseqüentemente, um futuro melhor. Pensando nisso, queremos investimento que traga visibilidade às escolas do campo como a EFA.

Como proteger e preservar os animais e as plantas do Vale do Jequitinhonha?

**C:** Com vários tipos de plantas e animais que tem em nosso Jequi, a primeira coisa que podemos fazer é a conscientização das pessoas. Além do manejo agroecológico, há também a possibilidade de alguns locais, como a Chapada do Lagoão, se tornarem pontos turísticos, desde que haja respeito à natureza. Em relação à exploração dos recursos naturais, qual sua visão sobre isso?

**H:** a minha visão é que os nossos produtos não saiam como matéria bruta, mas sim, conseguir fazer com que se tornem um produto final que possa ser consumido e exportado, trazendo o desenvolvimento para dentro do Vale. Finalizando, o que queremos é fazer o futuro do Vale e não que os outros façam o futuro por nós.

Fonte: Arquivo particular dos autores (2023).

## SOBRE AUTORAS E AUTORES



### **Aiandra Santos Passos**

Moradora da cidade de Jenipapo de Minas - MG. Licencianda em Educação do Campo na área de Linguagens e Códigos. Artista/Desenhista. @\_airaarts. E-mail: aiandra.passos@ufvjm.edu.br



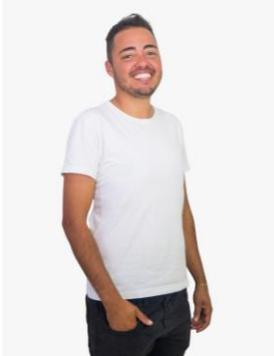
### **Anielli Fabiula Gavioli Lemes**

Licenciada em Química com mestrado e doutorado em Ensino de Ciências pela Universidade de São Paulo. É professora da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) no curso de Licenciatura em Educação do Campo e no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia. Subcoordenadora do projeto de pesquisa e extensão: Educação do Campo: Saberes e Práticas de formação nas relações discursivas entre trabalho, educação, letramentos e agroecologia, financiado pela FAPEMIG e coordenadora do projeto de Extensão Educação do Campo: saberes e práticas discursivas envolvendo letramentos, agroecologia e mineração, financiado pela UFVJM/PIBEX. E-mail: anielli.lemes@ufvjm.edu.br.



**Antoniell Assis de Oliveira**

Doutorando em Educação, Mestre em Educação, Licenciado em Educação do Campo pela UFMG. Militante do Setor de Educação do MST. E-mail: [antoniellassis@gmail.com](mailto:antoniellassis@gmail.com)



**Cristiano Marques de Souza**

Quilombola da comunidade Paraguai, no município de Felisburgo-MG. Licenciando em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza pela UFVJM. E-mail: [cristiano.marques@ufvjm.edu.br](mailto:cristiano.marques@ufvjm.edu.br)



**Denilson da Silva Pereira**

Camponês, morador da Comunidade Brejo III Itaobim-MG. Professor de Técnicas Agrícolas na Escola Família Agrícola Bontempo, vice-tesoureiro da Associação PALMIZAN Associação dos moradores das comunidades Palmito e Padre Mário Uzan, Licenciando em Educação do Campo na habilitação Ciências da Natureza pela UFVJM. E-mail: [denilson.pereira@ufvjm.edu.br](mailto:denilson.pereira@ufvjm.edu.br)



### **Helder de Moraes Pinto**

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais; professor na Licenciatura em Educação do Campo-LEC e no Programa de Mestrado em Educação-PPGED da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM. Integrante do projeto de pesquisa e extensão: Educação do Campo: Saberes e Práticas de formação nas relações discursivas entre trabalho, educação, letramentos e agroecologia, financiado pela FAPEMIG. E-mail: [helder.pinto@ufvjm.edu.br](mailto:helder.pinto@ufvjm.edu.br)



### **Karina Mendes Luiz**

Município de Virgem da Lapa - MG, licencianda em Educação do Campo na habilitação Linguagens e Códigos pela UFVJMe bolsista do projeto de pesquisa e extensão: Educação do Campo: Saberes e Práticas de formação nas relações discursivas entre trabalho, educação, letramentos e agroecologia, financiado pela FAPEMIG. E- mail: [mendes.karina@ufvjm.edu.br](mailto:mendes.karina@ufvjm.edu.br)



### **Maria Fernanda Alves Morais**

Quilombola da comunidade Paraguai, no município de Felisburgo-MG. Licencianda em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza pela UFVJM. E-mail: [fernanda.morais@ufvjm.edu.br](mailto:fernanda.morais@ufvjm.edu.br)



**Marianny Marques de Matos Silva**

Quilombola da comunidade Paraguai, no município de Felisburgo-MG. Licencianda em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza pela UFVJM. E-mail: [mariannym425@gmail.com](mailto:mariannym425@gmail.com) ou [marianny.marques@ufvjm.edu.br](mailto:marianny.marques@ufvjm.edu.br)



**Maria Rosa Marques de Matos**

Quilombola da comunidade Paraguai, no município de Felisburgo-MG. Licencianda em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza pela UFVJM. E-mail: [rosa.maria@ufvjm.edu.br](mailto:rosa.maria@ufvjm.edu.br)



**Manoel Carlos Souza Matos**

Quilombola da comunidade Paraguai, no município de Felisburgo-MG. Licencianda em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza pela UFVJM. E-mail: [manoel.carlos@ufvjm.gov.br](mailto:manoel.carlos@ufvjm.gov.br)



**Marília Gabriela Rodrigues da Silva**

Quilombola da comunidade Jenipapo, no município de Itinga-MG. Licencianda em Educação do Campo na habilitação em Ciências da Natureza, pela UFVJM.

E-mail: [marilia.gabriela@ufvjm.edu.br](mailto:marilia.gabriela@ufvjm.edu.br)



**Rozilene Pereira da Silva**

Campe sina da Comunidade Brejo III, no município de Itaobim-MG, licencianda em Educação do Campo na habilitação Linguagens e Códigos pela UFVJM e bolsista do projeto de pesquisa e extensão: Educação do Campo: Saberes e Práticas de formação nas relações discursivas entre trabalho, educação, letramentos e agroecologia, financiado pela FAPEMIG. E-mail: [rozilene.pereira@ufvjm.edu.br](mailto:rozilene.pereira@ufvjm.edu.br)



**Silmara da Silva Pereira**

Licencianda em Educação do Campo na habilitação Ciências da Natureza pela UFVJM. Professora na Escola Família Agrícola de Jacaré. Fiscal da Associação PALMIZAN. Email: [silmara.silva@ufvjm.edu.br](mailto:silmara.silva@ufvjm.edu.br)



**Thalita Gonçalves Amorim França**

Quilombola da comunidade Mutuca de Cima, no município de Coronel Murta - MG. Licencianda em Educação do Campo com habilitação em Linguagens e Códigos pela UFVJM.



**Vitória Cristina Alves**

Graduanda na Licenciatura em Educação do Campo-LEC pela Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri, bolsista do Projeto de Extensão Educação do Campo: saberes e práticas discursivas envolvendo letramentos, agroecologia e mineração, 2024, financiado pela UFVJM/PIBEX. E-mail: [alves.cristina@ufvjm.edu.br](mailto:alves.cristina@ufvjm.edu.br).

